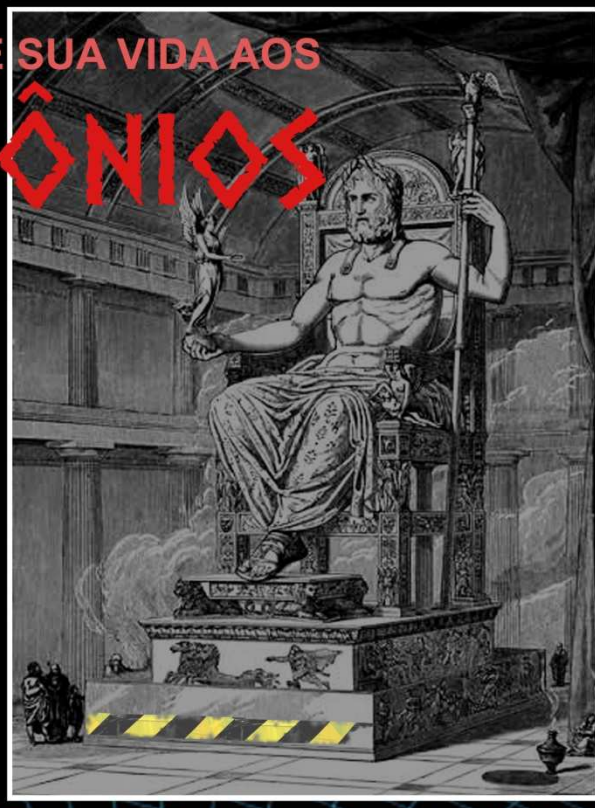
Sitra Ahra

A voz do "outro lado"

Edição #23 Anno Mythi 2017



ENTREGUE SUA VIDA AOS

DEMÔNIOS

A hora da ESTRELA

O QUE É MAGIA DRACONIANA?

O OUTRO LADO

A PEDRA DE LÚCIFER

COMO OS MESTRES MORREM

A MÁSCARA XAMÂNICA

E MAIS...

A gnose do vazio

Sitra Ahra

EXPEDIENTE

Edição, diagramação e arte
A.C. Monteiro

Colaboradores nesta edição
A.C. Monteiro
Amyr Cantusio Jr
Bruno Lang
Edgar Franco
Felipe Galvão
Humberto Maggi
Lord A:.
Luiz Cláudio
Lux Daemonis
Pharzhuph

Colaboradores do exterior
Asenath Mason
Michael Kelly
Mishlen Linden
Nema

Colaboradores do "outro lado"
Aubrey Beardsley
Giosuè Carducci
Sapho

Distribuição
A mídia esculhambada chamada internet.

Todas as matérias são
de responsabilidade de
seus respectivos autores.

Sitra Ahra agradece aos leitores,
e os leitores agradecem à *Sitra Ahra*
por estar disponível gratuitamente.

Se é permitida a distribuição gratuita?

Portais para o "outro lado":

facebook.com/sitraahra.org

twitter.com/zinesitraahra

geocities.ws/sitraahra

Edição #23 Anno Mythi 2017

Antonius Elsenhoit. *Haeresis Dea*, 1589.

Saudações do lado de cá!

Eis que é expelida a nova edição de *Sitra Ahra*, publicação de filosofia oculta, LHP e afins, indo além, e fugindo, das correntes da *nova era* e dos modismos satanescos internetescos e mercenários de massa. *Sitra Ahra* também é isenta de fundamentalismos, sectarismos, dogmatismos, pedantismos malvadescos e esquisoterismos misticoides, primando pela liberdade de pensamento e de difusão de conhecimentos "danados".

Nossos leitores, inteligentes e com discernimento, já conhecem a tônica. Sabem que aqui encontrarão o "outro lado" das coisas, a "outra versão", o interessante e intrigante lado "oculto", aquilo que causa desgosto ou temor às condicionadas ovelhas de algum "Senhor", mas sem as infantilidades da internet, tão na moda ultimamente.

Em suas matérias, poemas e artes, *Sitra Ahra* apresenta conteúdo de diversas mentes, com diferentes ideias e visões do "outro lado". Aqui, os colaboradores brasileiros e estrangeiros, escritores, artistas, poetas, músicos, filósofos, acadêmicos e ocultistas mostram o seu lado das coisas, compartilhando, assim, conhecimentos embasados na experiência, na observação e no estudo. Cada colaboração é de grande importância e valor para este trabalho e para os leitores realmente interessados em conhecer diferentes lados de diversos assuntos.

Portanto, caro leitor, absorva, como um buraco negro, todo o conteúdo "danado" expelido do "outro lado" que se apresenta nesta edição de número 23.

O Editor

SEÇÕES

4
UMA VISÃO DO OUTRO LADO
De Felipe Galvão

22-24
ENTRE "ÁSPERAS"
O que disseram

31-33
UMA VISÃO DO OUTRO LADO
De Edgar Franco

47-51
MALDITAS ALMAS
Giosuè Carducci
Luiz Cláudio
Sapho

62
UMA VISÃO DO OUTRO LADO
De Felipe Galvão

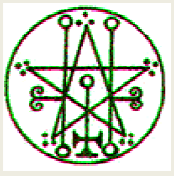
73-76
COISAS DE DANADOS
Mistérios Vampyricos
BioCyberDrama Saga
Qliphothic Meditations
Apophis
The Raven
Thesaurus Magicus
Lucifer Luciferax Compendium
As Malasartes de Lúcifer

77
UMA VISÃO DO OUTRO LADO
De Aubrey Beardsley

O QUE HÁ DO OUTRO LADO

5
ENTREGUE SUA VIDA AOS DEMÔNIOS
Dæmonologia
Humberto Maggi

9
VOCÊ É UMA PESSOA VAZIA?
A gnose do vazio
Asenath Mason



25
A HORA DA ESTRELA... D'ALVA
O pentagrama luciférico
A.C. Monteiro

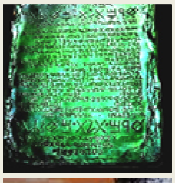
28
MORRA DIFERENTE
Como os mestres morrem
Amyr Cantusio Jr

34
XAMÃS TAMBÉM TÊM DUAS CARAS
A máscara xamânica
Mishlen Linden

36
SERIA UMA PENA SE NÃO FOSSE UMA BAGUNÇA
Magia de Maat e Magia do Caos
Nema

41
DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?
O outro lado
Lord A:.

52
DRAGÕES POP NÃO SABEM O QUE É ISTO
O que é magia draconiana?
Michael Kelly



59
UMA PEDRADA ILUMINA A SUA CABEÇA
A pedra de Lúcifer
Lux Daemonis

63
SUBA NA PEDRA ALTA. MAS NÃO CAIA
Ante altare
Bruno Lang

67
O LUCIFERIANISMO DAQUILO QUE É "NÃO LUCIFERIANO"
Ensaio sobre os princípios da prática do ocultismo ***Pharzhuph***

O Sono dos Perecíveis. Felipe Galvão.

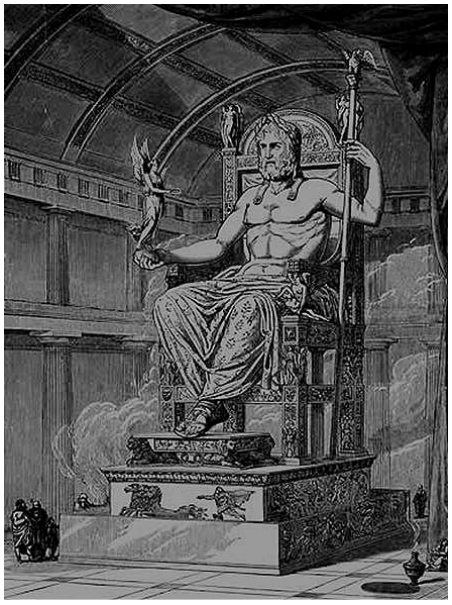
ENTREGUE SUA VIDA AOS DEMÔNIOS

Dæmonologia

Primeiros desenvolvimentos

Humberto Maggi

O registro mais antigo conhecido da palavra δαίμων (*daimon*) aparece no primeiro livro da *Ilíada*, de Homero. No verso 222, quando o poeta diz que Atena "retornou ao Olimpo, no palácio de Zeus que porta o *aegis*, para se juntar à companhia dos outros deuses"[1], a palavra aqui traduzida como "deuses" é δαίμονας (*daimonas*), uma forma plural de δαίμων.



Ferdinand Knab. *Estátua de Zeus Olimpiano*, 1886.

O estudo da etimologia da palavra revela raízes, entretanto, bem mais antigas, fundas na cultura indo-europeia, de onde a sílaba ***da(i)** trouxe consigo os significados de "dividir, distribuir, lotear", fazendo do *daimon* grego originalmente uma divindade que distribui aos homens o lote que a cada um cabe, o que, por extensão, define o destino de cada um. Assim, temos Aquiles, na *Ilíada*, e Telêmaco, na *Odisseia*, descrevendo Zeus como o Distribuidor Supremo:

> Os imortais não conhecem nenhum cuidado, mas o lote que eles tecem para o homem está cheio de tristeza; no piso do palácio de Zeus há duas urnas, uma cheia de dádivas malignas e a outra com as boas. Aquele por quem Zeus, o senhor do trovão, mistura os presentes que ele envia, se encontrará agora com o bem e agora com a fortuna do mal; mas, ele a quem Zeus não envia nada além das dádivas más, será apontado pelo dedo do desprezo, a mão da fome o perseguirá até os confins do mundo, e ele irá subir e descer na face da Terra, não sendo respeitado nem pelos deuses nem pelos homens[2].
>
> Zeus é quem dá conforme quer a cada mortal o pão que come[3].

---

[1] MURRAY, A.T. *Homer, The Iliad with an English Translation*.
[2] BUTLER, S. *Homer, The Iliad*.
[3] GRAZIOSI, B. *Inventing Homer: The Early Reception of Epic*.

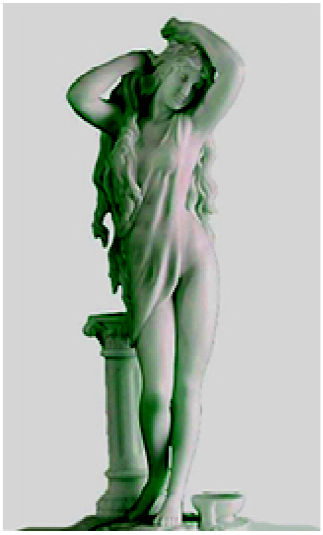
Embora na cultura indo-europeia as palavras originais talvez tivessem uma significação mais positiva, focada na distribuição de benesses e riquezas que tinha seu paralelo na distribuição de comida e de presentes feita pelo chefe tribal, com o tempo também os infortúnios da vida passaram a ser representados no lote que os deuses distribuem a cada ser humano. "Distribuidor", assim como "imortal", por exemplo, evolui de um adjetivo para um termo apropriado à divindade.

Já em Hesíodo, uma mudança importante se verifica. Primeiro, é importante saber que Hesíodo não usa a palavra "daimon" para indicar as divindades; quando se refere a elas, ele usa os termos αθανάτων (*atanáton* = imortais) e θεούς (*teoís* = deuses)[4]. Entretanto, o papel de distribuidor associado com o termo *daimon* é conspicuamente referido na narrativa:

> Ele [Zeus] é rei no céu, segurando o trovão e o raio ardente, já que ganhou a vitória em supremacia sobre seu pai Cronos; e ele distribuiu bem todas as coisas aos imortais e inventou suas honras.[5]

> Diga como, em primeiro lugar, nasceram os deuses e a terra, e os rios e o rio ilimitado que se alarga com seus fluxos, as estrelas brilhantes e o céu amplo acima, e os que nasceram deles, os deuses doadores de boas coisas; e como eles dividiram suas riquezas e distribuíram suas honras, e também como eles primeiro tomaram posse do Olimpo.[6]

É quando Hesíodo canta sobre Eos, a deusa da aurora, que ele diz:



> E para Cephalus ela gerou um filho esplêndido, o poderoso Phaethon, um homem igual aos deuses. Enquanto ele era jovem, um filho de espírito delicado, e ainda possuía a terna flor da juventude gloriosa, Afrodite, amante do sorriso, o arrebatou e fez dele o guardião de seus templos sagrados, um **espírito divino** [δαίμονα δῖον].[7]

Essa é a primeira instância registrada da palavra *daimon* sendo usada em um contexto diferente do que encontramos nas obras homéricas. A distância do uso anterior é enfatizada pelo emprego do adjetivo "divino". A passagem abre o caminho para o uso de *daimon* para indicar espíritos não divinos, e também é a primeira indicação conhecida da possibilidade de um humano ser "daimonizado" por um

[4] Com uma notável exceção, quando o Ἑκατόγχειρες (*Hecatoikeires* = O Que Tem Cem Mãos) Cottus se dirige a Zeus em um discurso, ele chama o deus supremo de δαίμόνι. Mas aqui a palavra não foi usada na fala direta do poeta, e sim em um diálogo narrado por ele.

[5] MOST, G.W. (Ed. e Trad.). *Hesiod: Theogony and Works and Days, Testimonia*.

[6] MOST, G.W. (Ed. e Trad.). *Hesiod: Theogony and Works and Days, Testimonia*.

[7] MOST, G.W. (Ed. e Trad.). *Hesiod: Theogony and Works and Days, Testimonia*.

deus, entrando em uma categoria diferente (mas próxima) da dos heróis.

É no poema *Os Trabalhos e os Dias*, no entanto, que Hesíodo fez o uso do termo que ficou sendo o mais conhecido e comentado. Aqui é onde entra o novo conceito do *daimon*, quando ele descreve o destino da Raça de Ouro:

Nicolas-André Monsiau. *The Olympian gods.*

> E eles viviam como deuses sem pesar no coração, distantes e livres do luto e da tristeza: a idade miserável não descansava neles; mas com as pernas e os braços nunca falhando, eles festejavam com o banquete fora do alcance de todos os males. Quando morriam, era como se fossem dominados pelo sono, e tinham todas as coisas boas; pois a terra frutífera sem esforço dava os frutos abundantemente e sem restrições. Eles habitaram com facilidade e paz sobre suas terras com muitas coisas boas, ricas em rebanhos e amadas pelos deuses abençoados. Mas depois que a Terra cobriu essa geração – eles são chamados **espíritos puros** [δαίμονες ἁγνοὶ] habitando a Terra, e gentilmente livram de danos e são guardiões dos homens mortais; pois eles vagam por toda a Terra, vestidos de névoa, e vigiam os julgamentos e as ações cruéis, distribuidores de riqueza; porque esse direito real eles também receberam.[8]

Hesíodo chamou os espíritos dos homens da Raça de Ouro δαίμονες ἁγνοὶ, tornando-os representantes invisíveis de Zeus a cargo de "assistir julgamentos e atos cruéis" e também tendo a característica típica de "distribuidores de riqueza". Sua função sob a égide de Zeus também foi mencionada alguns versículos à frente:

> Vocês, príncipes, marquem bem esse castigo, vocês também, pois os deuses imortais estão perto dos homens; e marcam todos aqueles que oprimem seus companheiros com juízos tortuosos; e não ouvem a ira dos deuses. Pois, sobre a terra generosa, Zeus tem três vezes dez mil espíritos, guardiões dos homens mortais, e estes vigiam os julgamentos e as ações do erro enquanto vagam, vestidos de névoa, por toda a terra.[9]

Com Hesíodo, portanto, o δαίμων deixa de indicar os deuses diretamente e passa a se referir a uma categoria de seres intermediários, não divina ou semidivina, que, sob as ordens de Zeus, guarda o ser humano, distribuindo riquezas e vigiando suas más ações.

---

[8] EVELYN-WHITE, H.G. *Hesiod, the Homeric Hymns and Homerica with an English Translation.*

[9] EVELYN-WHITE, H.G. *Hesiod, the Homeric Hymns and Homerica with an English Translation.*

Em Homero, entretanto, já encontramos várias características que, mais tarde, serão atribuídas a esses espíritos intermediários. Por exemplo:

(a) Comunicar aos homens as vontades e conselhos dos deuses: na *Ilíada*, Atena se manifesta a Aquiles a pedido de Hera. Atenas é uma divindade subordinada que, nesse momento, vem à Terra como intermediária para comunicar a um mortal a vontade de uma deusa hierarquicamente superior.

(b) Levar as preces e súplicas dos homens aos deuses: também na *Ilíada*, Tétis leva o pedido de Aquiles a Zeus e intercede em favor desse herói.

(c) Influenciar os pensamentos e sentimentos humanos, inspirando ideias e enviando sonhos, concedendo energia e força, assim como afetando a percepção que os outros têm da pessoa – os exemplos são muitos, e basicamente definem a interação entre os heróis e os δαίμονας olímpicos.

Jan Styka. *Atenas inspira Odysseus à vingança*, 1901.

Ainda muito importante é a ideia de um *daimon* pessoal que encontramos nos textos homéricos. O exemplo mais famoso vem da relação ente Atena e Odysseus. Mas esse é um padrão que se repete: Tétis e Aquiles, Afrodite e Páris, Crises e Apolo… Mortais podiam vir a desfrutar do favorecimento de uma divindade por diversas causas; assim, Aquiles era filho de Tétis, Crises era sacerdote de Apolo, Páris por ter elegido Afrodite no julgamento, e Odysseus era querido por Atena por ter uma mente brilhante.

Junto com o *daimon* pessoal, o herói homérico comumente tinha um *daimon* antagonista. Os melhores exemplos são o de Odysseus, que incorre na ira de Poseidon, e o de Páris, que ganha a inimizade jurada de Atena e Hera ao mesmo tempo que tornou Afrodite sua protetora. O tema dos dois *daimons*, um bom e um mau, reinterpretado sob uma luz moral, fez parte da filosofia de Empédocles, que fez menção aos dois *daimones* e aos dois destinos ("*dois destinos e dois* daimones *recebem e guiam cada um de nós desde o nascimento*")[10], e sobreviveu para se tornar bastante popular no cristianismo.

Como o leitor atento deve ter percebido, em Homero e em Hesíodo se encontram todos os temas-chave da daemonologia pagã e da sua posterior derivada, a demonologia cristã. O relacionamento entre o ser humano e os *daimones*, especialmente o *daimon* pessoal, também se tornou um elemento muito importante na magia que se encontra nos papiros mágicos gregos e na teurgia de Jâmblico.

S

[10] TIMOTIN, A. *La démonologie platonicienne : histoire de la notion de daimon de Platon aux derniers néoplatoniciens*.

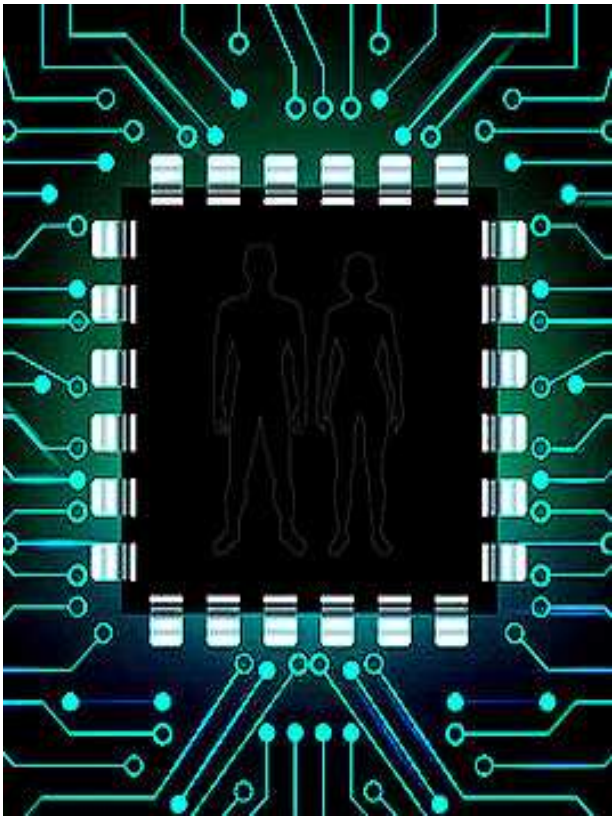
VOCÊ É UMA PESSOA VAZIA?

A gnose do vazio

Asenath Mason

Tradução: Robert Pereira

O reino do Lado Noturno (Nightside) é caótico e dinâmico. De modo a nos movermos pelos labirintos sombrios do Lado Noturno, nós criamos mapas e modelos iniciáticos pelos quais tentamos organizar o caos dentro da ordem, dando a ele sentido lógico e coerência. Organizamos nosso mundo colocando-o em estruturas, categorias, polaridades, opostos, etc. Tendemos a ver o tempo como linear: o dia segue a noite, estações vêm e mudam para outras, nós nascemos, crescemos, ficamos idosos e morremos. Toda nossa visão de mundo é baseada no desejo de lógica e continuidade. A mente humana se acha confusa se esse equilíbrio universal é perturbado, se as forças do Lado Noturno começam a fluir para dentro do mundo e revertem sua ordem natural.

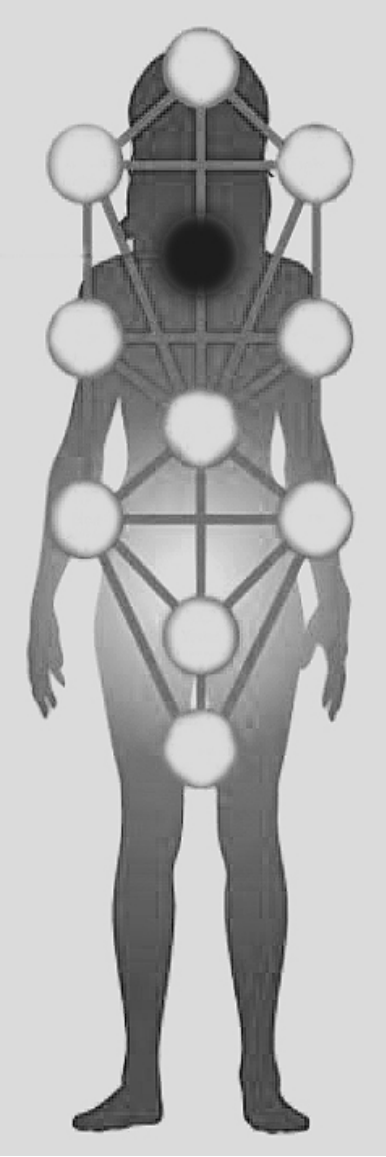


Mas o que realmente é o Lado Noturno? Deixe-nos pensar em todas as coisas que conhecemos: familiares, lógicas compreensíveis, evocando sentimentos de segurança e confiança. O Lado Noturno é todo o resto. Tudo que se encontra fora das fronteiras da segurança, da familiaridade, da lógica ou da coerência. É o irracional, o rejeitado, o reprimido, o repugnante, o temido, o aversivo, etc. São as Qliphoth, conchas habitadas por monstros e demônios, excrementos da Criação. Tudo o que preferiríamos não ter em nossas vidas. Consequentemente, podemos nos perguntar por que absolutamente alguém iria querer entrar no Lado Noturno e deixar essas forças dentro de seu mundo?

A magia do Caminho da Mão Esquerda, que trabalha com as forças do Lado Noturno, tem uma reputação bastante duvidosa, pois inclui coisas com as quais os magos e iniciados de outros caminhos de desenvolvimento espiritual nunca iriam trabalhar. Alguns as veem como perigosas e imprevisíveis, com vagas perspectivas de sucesso. Outros são atraídos para essa magia por causa de seu comportamento sombrio, práticas excitantes e a promessa de resultados rápidos. Somente poucos a abordam com entendimento genuíno de seus mecanismos e consciência do que ela detém e como esse processo iniciático realmente funciona.

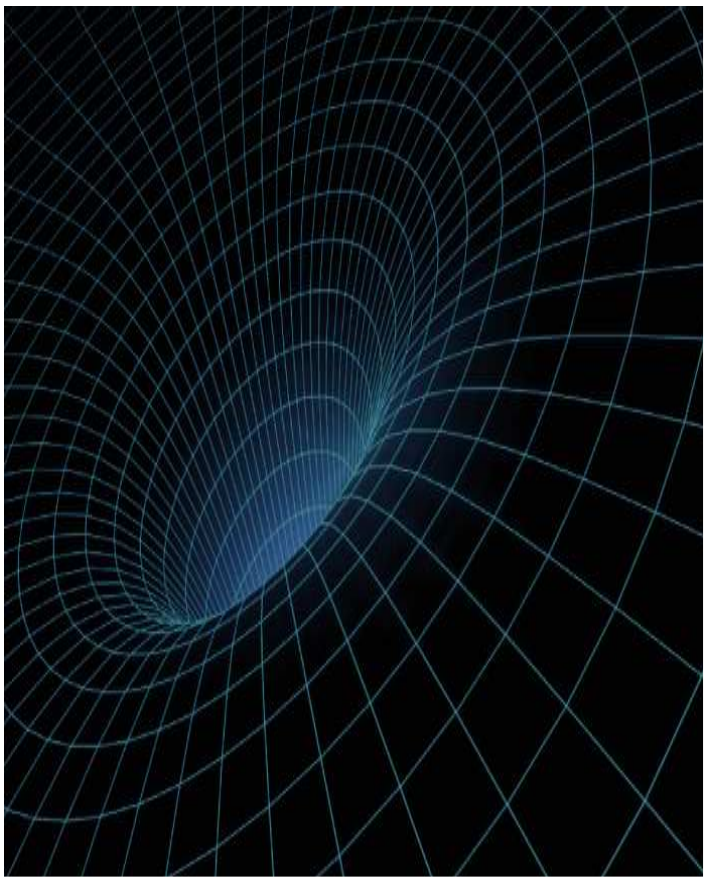
Nos tempos atuais, o mais popular mapa iniciático do Lado Noturno é a Árvore da Noite Cabalística, também conhecida como a Árvore da Morte, ou a Árvore das Qliphoth. Ela consiste de 11 mundos, ou zonas de poder, que sucessivamente despertam e ativam certos poderes mágicos e desenvolvem habilidades psíquicas do iniciado. A Árvore das Qliphoth é vista como o lado escuro ou a sombra da Árvore da Vida, a antítese, a contraparte negativa. De fato, é mais complicado. Existem muitas teorias sobre a origem e a natureza de ambos os lados da Árvore. Algumas delas enxergam a Árvore da Morte como um vasto reservatório de tudo aquilo que a Árvore da Vida não é. Outros comparam a Árvore da Vida a uma ilha em um imenso oceano negro que a cerca por todos os lados, também acima e abaixo. Esse oceano é o reino das Qliphoth, e muitos magos acreditam que ele não pode ser realmente organizado ou categorizado como mundos ou quaisquer estruturas, simplesmente por causa de sua energia bruta, indiferenciada, puro caos que contém tudo e nada ao mesmo tempo. Enquanto a Árvore Cabalística contém apenas um número limitado de reinos, há milhões de mundos qliphóticos, caminhos e dimensões que nunca foram mapeados. Muitos pensam que é sem sentido utilizar essas forças como um modelo iniciático, já que nada aqui é previsível e nada pode ser tido como certo. Por outro lado, muitos magistas têm trabalhado com sucesso com a Árvore Sombria, superando o nível de desenvolvimento mágico que eles deveriam

normalmente alcançar através de outro mapa iniciático, ou progredido extremamente rápido em sua ascensão pessoal. Há também a hipótese de que a Árvore das Qliphoth seja a antítese direta, ou o oposto da Árvore da Vida. As onze Qliphoth existentes no lado escuro da Árvore representam forças e princípios que estão em oposição direta às dez Sephiroth, contradizendo os poderes da Árvore brilhante. Mesmo o número das Qliphoth é uma paródia da unidade divina e coerência do número dez, que simboliza a perfeição de Deus. O domínio das Qliphoth goza de uma má reputação e é visto como o reino de Satã, o Adversário, identificado com Lúcifer ou Samael, que reina sobre hordas de espíritos malignos e demônios com sua consorte impura, Lilith, a Rainha da Noite. Eles são os primeiros iniciadores, guias e aliados no caminho iniciático qliphótico, e, em seu reino, somos confrontados por tudo o que nós normalmente mantemos fora de nossas vidas. Então, novamente, precisamos perguntar: por que absolutamente trabalhar com as Qliphoth? Aqueles que percorreram o caminho longe o suficiente para entenderem como o processo iniciático funciona muito provavelmente responderão: porque o encontro com o Lado Noturno é inevitável. O Lado Noturno não é um reino distante existente em outros planos e consistindo de mundos misteriosos e outras dimensões. Ele está aqui e agora. É o lado repulsivo e cruel da realidade que nós encontramos todos os dias, mas que simplesmente escolhemos não perceber. É violência, fome, vícios, pobreza, doenças, morte, assassinato, guerra, estupro, destruição, abusos, desespero, medo, terror, desgosto e muito, muito mais.* Nós o observamos todos os dias e estamos felizes com ele, contanto que tudo não nos diga respeito, de qualquer maneira direta. Quando somos confrontados diretamente com o lado escuro do mundo e nos tornamos diretamente envolvidos nele, para muitos de nós esse encontro leva à destruição. Poucos são fortes o suficiente para enfrentar essa prova e emergir vitoriosos e fortalecidos. Esse é o Lado Noturno no nível mundano, manifestação das Qliphoth em nosso mundo cotidiano. Isso é também



*N.E.: Para alguns autores, as Qliphoth nada têm a ver com as mazelas do mundo nem com as maldades e crueldades humanas. As Qliphoth são universos extraterrestres, que contêm conhecimentos superiores e êxtases que superam os prazeres banais dos seres humanos comuns; as Qliphoth estão muito além das problemáticas cotidianas terráqueas.

com o que você terá de lidar no caminho iniciático qliphótico. Esse encontro é inevitável certamente. Não é uma questão de *se*, é uma questão de *quando* tudo isso entrará em sua vida e colocará você em ordálias severas que irão despedaçar seu mundo e transformá-lo a partir de dentro. Fracassar nas provas é sucumbir à escuridão e ao desespero, ser devorado pelo Vazio. Somente tendo êxito com as ordálias iniciáticas, que se manifestam por meio de eventos de nossa vida diária, podemos avançar para outro nível de nossa ascensão pessoal.



Um iniciado da Árvore da Vida, em que tudo parece coerente e lógico, e o caminho leva de um ponto concreto a outro, será confrontado com as Qliphoth quando alcançar o abismo. Até então o mapa parece nítido: em Malkuth, o Reino, nós exploramos o corpo e aprendemos a controlar o mundo no qual vivemos. No reino astral de Yesod (Fundamento), Hod (Esplendor) e Netzach (Vitória), viajamos para os mundos internos dos sonhos, visões, fantasias e imaginação; através de modelos racionais de pensamento, aprendemos a formar conceitos, definições, teorias e estruturas; e também desenvolvemos o sentido de dar e compartilhar, abraçando o outro e explorando o significado de paixões e emoções. Em Tiphereth (Beleza), que é o centro da Árvore, aprendemos os princípios de equilíbrio e integridade, que são então trazidos para a manifestação no reino de Geburah (Força) e Chesed (Misericórdia); aqui, também encontramos nossa deidade pessoal, o Sagrado Anjo Guardião, ou nossa imagem pessoal de Divindade. Então, enquanto se prepara para ascender para a tríade mais alta na Árvore, Binah (Entendimento), Chockmah (Sabedoria) e Kether (Coroa), o adepto é repentinamente lançado no Abismo para confrontar sua escuridão pessoal, a Sombra interna. Lá, teremos de enfrentar tudo o que sempre rejeitamos, reprimimos ou recusamos perceber. Tudo isso, sem exceções, e tudo ao mesmo tempo. Essa é uma ordália severa e traumática, e realmente há poucos relatos de magos que foram bem-sucedidos nesse teste iniciático. É a experiência direta do Vazio, a tremenda e infinita força que existe como um eterno oceano que contém todos os mundos

e universos, destruindo-os a cada momento e criando novamente. Para o adepto do caminho qliphótico, acredita-se que a experiência é menos traumática, e nós estamos melhor preparados para o que lá nos aguarda, na medida em que confrontamos, conquistamos e absorvemos nossa Sombra pessoal em cada nível sucessivo do caminho.

Como se parece, na prática? Deixe-nos dar um breve passeio através dos sucessivos mundos na árvore das Qliphoth. Primeiro, temos a Qlipha Lilith (A Rainha da Noite), o Portão para o Desconhecido. Aqui, encontramos os primeiros aliados e guias no caminho e a consciência se abre para o contato com as energias do Lado Noturno. A chama da Divindade é inflamada, a serpente Kundalini desperta e começa a ascender rumo à Iluminação, e a Deusa da Noite se aproxima para nos guiar através dos labirintos do Lado Noturno. Na esfera de Gamaliel (O Obsceno), encontramos a Deusa da Lua, que nos apresenta os segredos da magia lunar, os mistérios da bruxaria e a alquimia sexual. Essa é a esfera astral dos sonhos e fantasias, imaginação

e alucinações. No mundo de Samael (O Veneno de Deus), bebemos o veneno alquímico, o elixir da morte, que nos é entregue pelo Anjo da Morte, Samael. Nessa esfera, aprendemos sobre os mistérios da morte e da separação da alma do corpo. Aqui, nós encontramos o Ceifeiro e somos confrontados com testes de insanidade, dúvida e descrença. No último dos mundos astrais, A´arab Zaraq (O Corvo da Dispersão), adentramos o caminho do misticismo sexual e somos confrontados com as ordálias do guerreiro espiritual. A consciência é movida do corpo para o espírito, e a alma é liberada em voo extático entre o plano astral e a esfera solar. No coração da Árvore, a Qlipha Thagirion (O Litigiador), encontramos nossa deidade pessoal, o conceito integrado do Anjo e da Besta, que é então equilibrado entre as forças de Golochab (O Incendiário) e Gha´agsheblah (O Atormentador). Na esfera solar, por meio de ordálias de luxúria e sofrimento, tornamo-nos o Fogo do Apocalipse, os Atormentadores. O caminho do guerreiro, iniciado no reino astral, é agora completado, e preparamos a nós mesmos para a jornada através do Abismo. Além do Abismo Cabalístico existe a tríade superior da Árvore, que, no mundo das Qliphoth, é a Trindade Profana: Satariel (O Ocultador), Ghagiel (O Estorvador) e Thaumiel (Gêmeos de Deus). Aqui, todas as regras e definições são quebradas. Enfrentamos testes de surrealismo e absurdidade e aprendemos a encontrar a verdade no que está oculto. Thaumiel representa a realização da Divindade. O Olho do Dragão é aberto, e o iniciado é convidado a entrar no próprio Vazio, o verdadeiro Ventre do Dragão.

O Abismo é a janela paro o Vazio. Ele existe em ambos os lados da árvore e se estende além, para dentro do Ventre do Dragão. Aqui nós utilizamos a teoria da Árvore Cabalística descrita como uma estrutura coerente, em que os lados escuro e luminoso coexistem em um equilíbrio universal e complementam um ao outro por meio da polaridade dos opostos. Esse é o alicerce da maioria dos mapas e modelos iniciáticos dentro dos sistemas mágicos baseados na Cabala. Tudo o que existe além da Árvore é o Vazio, o Dragão, a força por trás de toda a criação e manifestação. É onde todos os mapas, estruturas e definições não fazem mais sentido, onde tudo o que aprendemos até agora se contradiz, onde o tudo e o nada são reais. Aqui, encontramos

a Torre Negra, que está de sentinela no limiar do Vazio, onde os mundos da manifestação e do Não Ser se encontram e se cruzam. É a encruzilhada entre estar sonhando e estar acordado, entre o sono da ignorância e a consciência desperta, o portão para o Ventre do Dragão e o canal para a corrente primordial do Vazio.

O que nós conhecemos como o Lado Luminoso (Dayside) é somente uma pequena parte da eterna força que existe fora do universo conhecido para o homem. É infinita, dinâmica, indefinida e ilimitada. E quando nos tornamos uma parte dessa força, nossa jornada espiritual também se torna um contínuo fluxo. É o processo de mudança sem fim, reconstrução e reavaliação de nossas metas, interesses, relacionamentos, personalidades, ou meios de autoexpressão. A forma com a qual tendemos a descrever o mundo é limitada, apenas ilusão. Nomes e definições atribuídos às coisas criam limites e fronteiras. Por meio do processo iniciático do caminho qliphótico, aprendemos a perceber essas limitações e transcendê-las. Redefinimos nosso mundo e aprendemos desconstruí-lo e criá-lo novamente, apenas pela força da nossa Vontade.

O Dragão é a força bruta, indiferenciada e indefinida que não pertence às leis do tempo e do espaço e não está limitada pela percepção humana. É importante salientar aqui que o termo "dragão" não se refere a qualquer deidade específica ou personagem mitológico. Ele denota a infinita e eterna corrente do Vazio que flui através dos portões do Lado Noturno para o mundo do homem e pode ser aproveitada e utilizada como veículo evolutivo para aqueles que buscam abrir as portas para essa força primordial e abraçar o seu poder. Mitos e lendas ao redor do mundo descrevem tal força como um monstro primitivo, um dragão ou uma serpente. Na tradição escandinava, encontramos vários monstros dragões: Jormungandr, a aterrorizante serpente segurando o mundo do homem em seu abraço espiralado; Nidhogg, que se alimenta das raízes da Árvore da Vida, Yggdrasil; e o dragão Fafnir, que protege tesouros lendários e provoca terror no coração das pessoas. Na mitologia egípcia, o princípio draconiano do Caos lutando contra a Ordem é representado pela serpente Apep, que incessantemente tenta devorar o Sol e aprisionar Ra, o Deus Sol, na escuridão do submundo. A *Bíblia* descreve o aterrorizante Leviatã, o monstro marinho, e Behemoth, o dragão da terra. Tífon, o temível monstro da mitologia grega

que combateu Zeus no Olimpo, também é identificado com o dragão primitivo. Mitos ugaríticos mencionam Lotan, a serpente marinha de sete cabeças, e Yamm, o antigo deus do mar que habita em Tehom, as águas do Abismo. Há também Tiamat, a deusa dragão da cosmologia babilônica, a mãe do universo, cuja história é um dos mais antigos mitos da Criação. O mundo, como nós o conhecemos, foi formado a partir de sua carne, e os seres humanos foram criados a partir do sangue de seu demônio consorte. E há muitos outros dragões e monstros mitológicos personificando a força do Lado Noturno, o princípio do Caos primordial, da Escuridão e do Vazio.

Nos mitos e lendas, esses seres são mortos ou derrotados por heróis que representam a nova ordem mundial, o triunfo da Luz sobre as Trevas. Deuses e heróis desses mitos representam o desejo humano de entender e controlar o mundo, transformando Caos em Ordem. No mito babilônico, Marduk, que derrota Tiamat e suas hordas de demônios, organiza o universo de acordo com um padrão fixo – ele coloca estrelas e constelações em ordem, cria fronteiras entre o mundo do homem e o reino dos deuses e tranca os monstros e as criaturas do caos primordial atrás de portões protegidos por sentinelas especialmente nomeadas. O mundo se torna uma estrutura segura e familiar onde todos conhecem seu lugar e todos os seres representam seus papéis designados. Também isso é tudo ilusão, visto que o Vazio é tão imenso, tão poderoso, tão tremendo para ser trancado fora do mundo e mantido longe por fronteiras artificiais. As paredes racham e desmoronam, os portões são destrancados e abertos por aqueles que buscam o poder do Dragão, o equilíbrio universal é continuamente perturbado e os monstros do Vazio entram no mundo do homem para causar destruição e guiar aqueles que os chamaram, levando as almas dos iniciados para os tortuosos labirintos do Lado Noturno.

A mente humana tem a tendência de definir, categorizar, racionalizar, fazer comparações, buscar analogias, atribuir forma e significado para o que é incompreensível. Mesmo entre os magos, poucos podem admitir que existe algo que não pode ser colocado em estruturas, dissecado, analisado e entendido. Assim, nós tendemos a ver a Árvore das Qliphoth como o reflexo negativo da Árvore das Sephiroth. A verdade é que isso é muito mais complicado. O Lado Noturno é uma massa infinita de túneis, caminhos, zonas de poder, esferas, mundos e dimensões. Nada aqui tem estruturas, não existe simetria e nada é previsível. Nada também corresponde, de qualquer maneira direta, à Árvore da Vida. Toda forma está no Vazio, bem como o Vazio se manifesta em todas as formas. O sentido de tempo linear, que é uma parte da consciência do Lado Luminoso, não existe aqui. A ilusão de tempo e espaço é despedaçada e tudo se torna simultâneo. Tudo se funde e se torna um. A magia do Vazio é intuitiva e irracional. Não há mapa que descreva a imensidão do Lado Noturno. A Árvore das Qliphoth, com seus Túneis de Set e zonas de poder qliphóticas, é meramente um esboço do que esse tremendo reino realmente detém. Um viajante por tais caminhos e esferas encontrará poderosos guias e aliados, bem como inimigos perversos que tentarão rasgar a alma em pedaços e se alimentar de sua essência imortal. Nós alcançaremos maravilhosos mundos e lindos locais, mas também seremos puxados para labirintos negros, onde nada faz sentido, e podemos facilmente nos perder, para sempre vagando em desespero e confusão. Em um momento, a jornada se parecerá como uma bela aventura; em outro, será um horrível trauma. Tudo se torna um, terror se funde com fascinação, beleza com repulsão, aversão com prazer. Tudo isso espera por nós no caminho, e tudo tem de ser aceito como uma parte natural da iniciação qliphótica. Com cada nível iniciático, horror e loucura desaparecem e produzem êxtase e fascinação com o que acabamos de experimentar. Para entender o processo, temos de perceber que essa é a jornada para a inteireza, recuar para dentro de nós. O recuo é catártico e leva à inspiração e à integração. Conforme viajamos através das sucessivas camadas de nós mesmos, exploramos tudo o que parece repulsivo, detestável, aterrorizante, medonho e aparentemente inaceitável. Tudo tem de ser confrontado, absorvido e abraçado com alegria e deleite. A consciência livre dos grilhões da matéria é liberada, mas o corpo é o templo e o altar no processo alquímico de transformação espiritual. Explorando o que parece repulsivo, perigoso ou proibido, transgredimos nossas limitações – esse é método das Qliphoth.

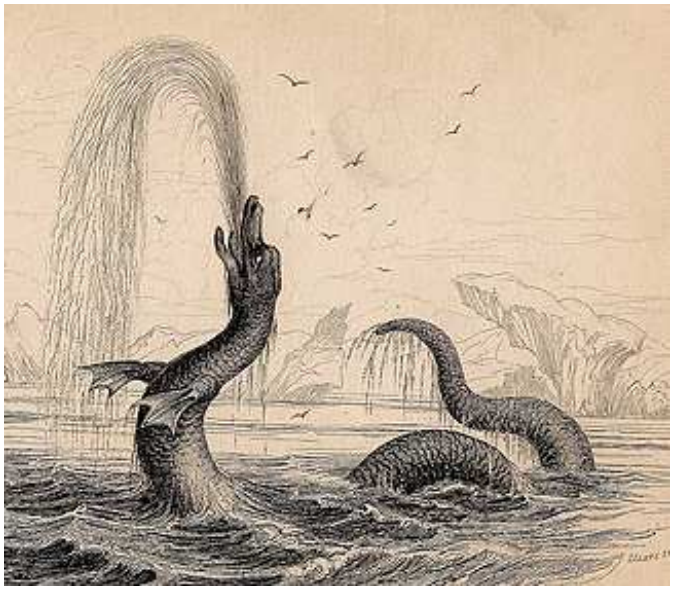
Em mitologias antigas, lendas populares ou simplesmente sonhos e visões daqueles que tiveram um vislumbre do Lado Noturno, monstros e criatura do Caos primordial personificam tudo o que não pertence ao mundo do homem, tudo o que é alienígena, desconhecido, estranho. Seres amorfos, horrores sobrenaturais, alienígenas híbridos compostos de partes tomadas emprestadas de feras lendárias ou diferentes animais, todos representam o caráter primevo do Vazio, onde tudo e nada existe ao mesmo tempo e palavras e símbolos podem ter todos os possíveis significados ou absolutamente nenhum. Eles refletem o caos e a desordem da Escuridão primordial, enquanto as deidades mais jovens, nascidas nas novas estruturas do universo, são normalmente representadas na forma humana, de modo a retratar o mundo compreensível, o visível e o familiar. Essas criaturas nascidas no Ventre da Escuridão, deuses dragões e espíritos de mitos e lendas, antigos Titãs e Gigantes, ou mesmo os Grandes Antigos, do *Necronomicon*, todos carregam a essência do Vazio, o Dragão Primevo, mas nenhum deles é o Dragão. São meramente centelhas dessa força sem limites percebida pela limitada mente humana. O Dragão não deve ser percebido como “deus”, “espírito” ou qualquer ser tangível, definido, apesar de que muitas entidades podem ser vistas como manifestação da essência do Dragão, intermediários que nos ajudam a tocar e entender essa infinita corrente. Utilizamos formas e nomes para representar a energia do Vazio de uma maneira tangível, para alcançar e entender sua essência, mas a mente humana não está predisposta para experimentar o Vazio, que não é nada parecido com o mundo em que nós vivemos: não há muros, estruturas, fronteiras, direções, tempo, formas, nomes ou definições. Existe tudo e não há coisa alguma. Há todos os deuses e nenhum deles ao mesmo tempo. Ele contém tudo e nada e tudo isso é real – na medida em que acreditamos que seja real. O próprio Dragão é indefinido e intangível. Deuses e espíritos que carregam a essência draconiana primordial são apenas manifestações dessa força, mas nenhum deles é a única e completa representação do Dragão. A força do Vazio é energia primária, bruta, o Ventre do Dragão, onde todos os mundos e todos os seres vivos nasceram e onde eles podem ser reconstruídos e recriados novamente.

Esse processo de renascimento, ou recriação, é o propósito do trabalho iniciático do Lado Noturno. É a dissolução e a reconstrução da consciência, da personalidade, do ego, da identidade – tudo o que constitui a nossa autoimagem com a qual tendemos a nos identificar. Com cada iniciação, essa imagem é quebrada, despedaçada, reformulada de modo a se adequar ao nosso nível de ascensão pessoal. Em cada nível, nossas percepções, metas e interesses mudam e se desenvolvem. Tal transformação não vem sem um preço, e com cada iniciação somos confrontados com a necessidade de sacrifício. Monstros primitivos e dragões chegam com relâmpagos e trovões, rasgando o céu e espalhando destruição pelo mundo. Esse é o simbolismo da iluminação draconiana. Uma vez que trilhamos o caminho e nos tornamos uma parte da corrente, a Chama Negra do Vazio, ou o Fogo Primitivo do Dragão, irá gradualmente incinerar qualquer obstáculo que se interponha em nosso caminho na busca de Divindade. Para entender a natureza desse processo, precisamos estar cientes de que a transformação toda ocorre em nossa consciência e somente se manifesta em eventos do mundo físico, empurrando-nos para rearranjar as nossas vidas a fim de se adequar ao destino que se abre para nós. A tarefa não é, de forma alguma, fácil, e sacrifícios que precisam ser feitos a fim de seguir o caminho são frequentemente assustadores e traumáticos. O “obstáculo” em sua senda de ascensão espiritual pode ser o seu cônjuge, o seu pai, o seu filho, o seu emprego, a sua casa, e assim por diante. Você está pronto para deixar tudo para trás e mover-se com a corrente? A verdade é que, quando o processo já está em movimento, você pode não ter uma escolha, e isso irá acontecer de qualquer forma, independente do quanto você possa querer prevenir a transição. Tal é a natureza das Qliphoth. Muitos serão atraídos pelo caminho, poucos permanecerão, prontos para aceitar e encontrar o poder que ele detém. A única forma de ser bem-sucedido é se abrir para tudo o que possa acontecer, e quando vier, você precisa abraçar e transformar fraqueza em força, medo em coragem, veneno em elixir da vida. É assim que você ganha poder e aprende a moldar sua vida. O caminho do Lado Noturno torna muitas coisas possíveis, mas elas jamais lhe serão entregues em uma bandeja.

A crise no caminho espiritual ocorre quando nós olhamos direto para o Vazio, quando enfrentamos a loucura e o terror do Lado Noturno, quando temos de encarar a desagradável verdade acerca de nós mesmos e do mundo ao redor. A experiência do Vazio destrói todas as camadas da psique, deixando o âmago de nossa existência desnudo e despojado de quaisquer proteções, mecanismos defensivos, muros e escudos que tendemos a construir ao redor de nós mesmos. Mergulhamos nas águas negras de Tiamat e nos tornamos a manifestação viva do Vazio e o canal ativo para suas energias. A fase inicial desse processo pode se manifestar por meio de toda sorte de fenômenos negativos – muitos magistas falam de relacionamentos destruídos, perda de emprego e alicerces materiais, mortes na família, doenças, infortúnios, etc. Quando isso acontece, normalmente desistimos ou tentamos nos proteger por meio de ferramentas e rituais mágicos. A verdade é que não podemos proteger da essência dissolvente do Vazio nem a nós mesmos ou aqueles que nos cercam, porque as coisas que acontecem à nossa volta são manifestações de nossa Vontade e ocorrem porque queremos que aconteçam. Mesmo se não percebermos agora, chegará um momento em nossa vida quando olharemos para trás e iremos saber e entender o que aconteceu e por quê, e nós também saberemos que tinha de acontecer, independente de toda dor e desespero. Quando as energias do Vazio se manifestam, pessoas são assustadas e confusas. Esse é o momento quando começamos a questionar e duvidar de tudo. Entretanto, uma vez que o processo seja posto em movimento, ele não pode ser parado. Não é fácil entender que é você sozinho o responsável por isso, que todas as coisas boas e ruins acontecem porque você as trouxe para sua vida, por sua Vontade consciente ou inconsciente – não importa, porque cedo ou tarde seu inconsciente será trazido para a luz da consciência de qualquer maneira. Poucos são capazes de aceitar tal responsabilidade e viver com ela. Não adianta fugir, abandonar o caminho ou construir mais muros e escudos em volta – tudo isso vem de dentro.

O Vazio não é um local ou uma esfera, ou qualquer coisa que possa ser explicada por definições ou descrita por termos da consciência do Lado Luminoso. Seus portões não podem ser abertos e fechados à vontade. Ele está em toda parte, sempre profundo, sempre em movimento, mudando a cada momento singular, fortalecendo o apetite e o desejo; é a mais poderosa força motriz do universo. É a força pura e bruta da consciência cósmica, o princípio motor por trás de toda criação e toda destruição. Nós carregamos o Vazio por dentro – é nossa Sombra interna, a Besta interior. Ela é o apetite que todos nós sentimos a cada momento de nossa existência – o desejo de poder, amor, admiração, dinheiro, sucesso, saúde, paz, conforto, descanso, sono, comida, sexo, etc. Há sempre alguma coisa pela qual ansiamos, algo de que sentimos falta, uma promessa de satisfação. É a energia do Vazio que nos motiva e nos conduz a agir. É a força dinâmica da evolução, o veículo da ascensão espiritual. Os sucessivos níveis da iniciação qliphótica nos dão um vislumbre dessa força. Mas, mesmo se expandirmos a consciência por meio de técnicas de alteração da mente, nós ainda não seremos capazes de alcançar a imensidão do Vazio. Meramente, iremos avançar mais os muros da percepção.

A fim de experimentar o Vazio, temos de entrar nele e nos deixar ser transformados por sua corrente primordial. Esse é o renascimento alquímico nas Águas Negras do Abismo, nas espirais do Dragão.



Como adeptos draconianos, procuramos entrar no Vazio e recuperar a consciência primordial que está contida no Ventre do Dragão, a eterna e imortal essência draconiana de evolução pessoal. Não existe Abismo para "cruzar", nem muros, margens ou fronteiras. Quando estamos no coração do Vazio, olhando para fora a partir de sua imensidão, o universo parece pequeno e limitado, e tudo o que importava antes é visto de uma perspectiva diferente. Aqui, nós nos tornamos conscientes de todas as possibilidades e podemos olhar para o passado, presente e futuro. Também somos livres da sujeição do destino e podemos mudar o mundo e alterar os padrões de eventos unicamente pela força da nossa Vontade. Essa é a experiência libertadora para a qual nos preparamos através dos sucessíveis níveis da iniciação qliphótica, a gnose da autodeificação.

S

Sim, minha força está na solidão.
Não tenho medo nem de chuvas tempestivas
nem de grandes ventanias soltas,
pois eu também sou o escuro da noite.
Clarice Lispector

Com a palavra 'danados', quero dizer os excluídos.
Charles Fort

Logo que comecei a pensar,
entrei em discórdia com o mundo.
Arthur Schopenhauer

Por que nos condoemos em funerais?
Pelos mortos eternamente vivos, em seu despertar?
Ou por nós mesmos, em nossa solidão?
Dion Fortune

Toda luta é baseada na decepção [...].
Sun Tzu

Para a maioria dos humanos,
a tranquilidade é paralisia
e o movimento é loucura.
Epicuro

A decadência das crenças dogmáticas
só pode trazer o bem.
Bertrand Russell

Cristãos se fantasiando de "demônios" pagãos
em festinhas não é apropriação cultural?
A.C. Monteiro

A realidade do corpo é uma das mais hediondas.
Queria ver o que o espírito significaria
sem os tormentos da carne.
Emil Cioran

Devemos caracterizar como delírio de massa
também as religiões da humanidade.
Sigmund Freud

A maioria dos primatas demarca seu território
com excrementos; os domesticados marcam
com tinta no papel.
R.A. Wilson

Orar é pedir que as leis do universo
sejam anuladas em favor de um único postulante,
que se confessa indigno.
Ambrose Bierce

Que importam a excomunhão
e os desprezos mordazes
sobre a sua cabeça?
Cruz e Sousa

A harmonia social, comparada à música,
é um concerto de muitos discordantes.
Pitágoras

Mal começaram a existir
a prudência e a perspicácia,
nasceu a hipocrisia.
Lao Tse

Deus é um escândalo,
– um escândalo que dá lucro.
Charles Baudelaire

O bom senso é coisa de que todos carecemos,
de que ninguém julga precisar e que poucos têm.
Benjamin Franklin

Para dizer 'eu te amo',
é preciso saber dizer primeiro 'eu'.
Ayn Rand

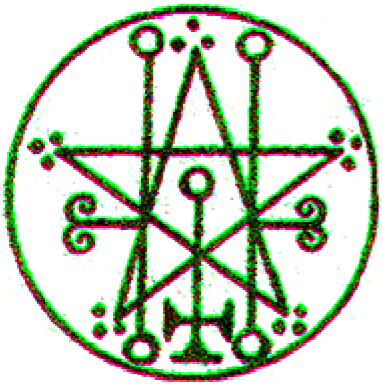
A HORA DA ESTRELA... D'ALVA

O pentagrama luciférico

A.C. Monteiro

O pentagrama é a estrela de cinco pontas e linhas (do grego, *penta* = "cinco" e *grama* = "linha"). Além de simplesmente representar os cinco elementos da alquimia – ar, fogo, água e terra, e o éter, a quintessência –, o pentagrama sempre foi, desde a Antiguidade (cerca de 4000 e.v.), um símbolo da deusa Vênus (*Phosphorus*) e do planeta de mesmo nome – obviamente que a deusa e o planeta eram chamados por outros nomes no passado e em lugares diferentes. Os elementos alquímicos associados ao pentagrama estão relacionados às suas manifestações no indivíduo:

- Ar, inteligência, mente expandida, intelecto;
- Fogo, *animus*, amor e ódio impetuosos, impulso sexual;
- Água, *anima*, emoções, sentimentos, instintos;
- Terra, corpo físico, força, resistência, veículo que carrega e suporta todas as consequências da inteligência e também da inépcia que leva ao aprendizado pela dor indesejável, do amor, do ódio, das emoções caudalosas e dos sentimentos mais profundos;
- Éter, a Individualidade, o Logos luciférico, o Eu superior, que assimila todas as experiências da existência.



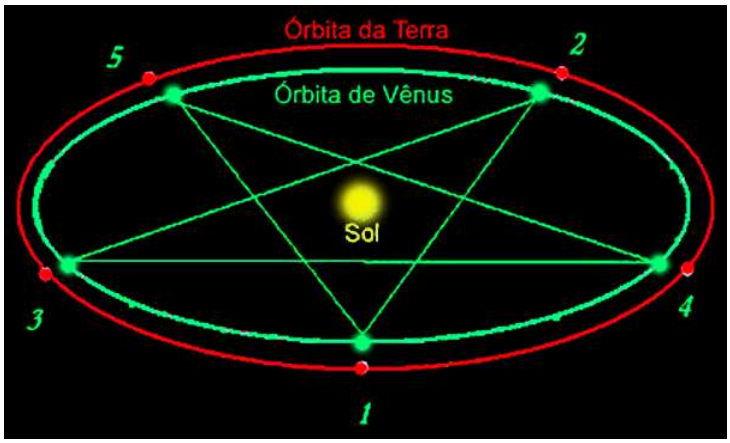
O selo de Astaroth

No passado remoto, Vênus era considera mãe e esposa dos homens, que a cultuavam para obter as dádivas da fertilidade (em seu sentido amplo), prosperidade para o povo, riquezas, ascensão social, criatividade, inspiração e êxito no amor, além de marcar as fases do ano, as celebrações e os rituais de morte e renascimento.

Nas regiões da Mesopotâmia, a deusa Vênus era conhecida por diversos outros nomes, como Asherah, Ashtart, Baalat, Ishtar, Shekinah, Shahar, Inanna, Anat e Astoreth. Este último se tornou Astaroth, nome de uma entidade goética da *Clavicula Salomonis: Lemegeton*, um grimório atribuído a Salomão, mas possivelmente escrito na Idade Média. Interessante notar que o sigilo, ou selo, de Astaroth é composto principalmente por um pentagrama.

Como planeta, Vênus é o terceiro corpo sideral mais brilhante no céu visto da Terra, tendo 75% de albedo (poder refletor de luz de um corpo celeste com relação à quantidade de luz incidida sobre a superfície). Aparece de manhã, ao leste, antes do nascer do Sol, sendo, portanto, chamado de Estrela da Manhã, Estrela d'Alva ou Estrela Matutina. Aparecendo à tarde, é chamado de Estrela Vespertina ou Vésper.

Desde a Antiguidade, Vênus tem sido observado e seu movimento, estudado. O percurso que faz em sua órbita para formar conjunções com a Terra e o Sol descreve o pentagrama invertido a partir do ponto inicial da primeira conjunção com a Terra; cada ponto de conjunção é uma ponta do pentagrama. A cada oito anos, um pentagrama invertido se forma no espaço sideral, com as conjunções entre Vênus, Terra e Sol.



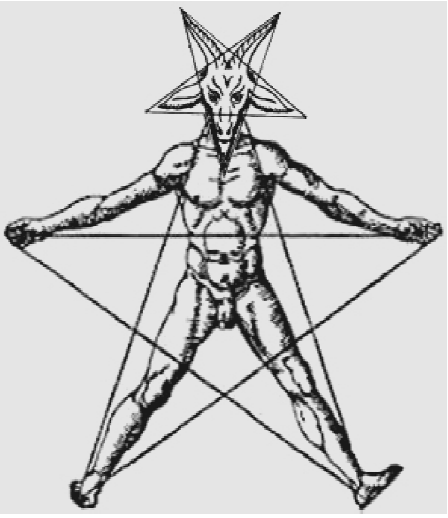
As conjunções de Vênus

Na prática luciferiana, o pentagrama invertido traçado no ar significa que forças venusianas estão sendo invocadas para a Terra, que influências astrais e siderais de Vênus estão sendo "puxadas" para o plano do indivíduo para atuarem em seu trabalho. Na união amorosa e sexual polarizada, o pentagrama invertido é usado para fortalecer essa relação e particularmente para "invocar" a Serpente do Sexo, ou o Dragão de Sabedoria (poder psicointuicional, psicomental e psicofísico; energia psicossexual).

É preciso entender que não existe um pentagrama positivo e um pentagrama negativo, um pentagrama "do bem" e um pentagrama "do mal". Tanto um como o outro são dispostos e usados segundo a perspectiva do indivíduo. Se, por exemplo, desenhado e colocado na soleira da porta com uma ponta voltada para fora, o pentagrama parecerá invertido aos olhos de quem está chegando, de quem está do lado de fora do aposento, e parecerá "de pé" para quem está do lado de dentro. Em um caso assim, qual é então o pentagrama "do mal" e o pentagrama "do bem"? Percebe-se que esses conceitos dicotômicos e maniqueístas de fato não existem.

Os dois pentagramas (o invertido e o "normal") podem ser usados para trabalhar as quatro forças elementais alquímicas dos quadrantes. Essas forças são inerentes à vida e à evolução, são forças da inteligência, da razão, das emoções,

do amor, das paixões, dos instintos e dos prazeres sensoriais e materiais, tudo o que é necessário à vida, ao aprendizado e à evolução, especialmente a evolução deliberada e por livre vontade. O pentagrama invertido traz essas forças para o indivíduo na Terra. Usar no pescoço ou no anel um pentagrama invertido ou "de pé" não tem qualquer conotação moral ou dogmática com relação ao que é "do mal" ou "do bem" e nada tem a ver com coisas malignas, diabo cristão, inferno eterno e outras asneiras do gênero muito propagadas.



Como o pentagrama invertido também sugere a cabeça do Dragão de Sabedoria (conhecido como Poimandres ou Pimandro, no hermetismo) e a cabeça de Baphomet, o caprino híbrido, isso indica sua associação com a natureza, com a fertilidade, o crescimento e a vida, pois Baphomet é outra representação do deus grego Pã ("Tudo"), o fauno que amava uma ninfa. Pã é o deus da natureza, representação dos instintos naturais e da sabedoria da natureza (Vênus, Afrodite, Sofia).

Assim, o pentagrama invertido é utilizado especialmente nos trabalhos de magia sexual, já que ele está associado à deusa Vênus (e ao planeta), à fertilidade, ao amor e ao sexo, além de representar de forma bastante estilizada os órgãos sexuais femininos.

No contexto luciferiano, o pentagrama é também um símbolo da sabedoria e do amor, pois Sofia é Vênus, a deusa do Amor e esposa do *filósofo* Portador da Luz, Lúcifer – a Estrela Matutina e Vespertina, ou Fósforo e Héspero. Aliás, consta que, entre os gregos, foi o sábio Pitágoras quem primeiro observou que Fósforo e Héspero eram o mesmo planeta, pois se acreditava que fossem planetas distintos, um surgindo pela manhã e o outro, à tarde.

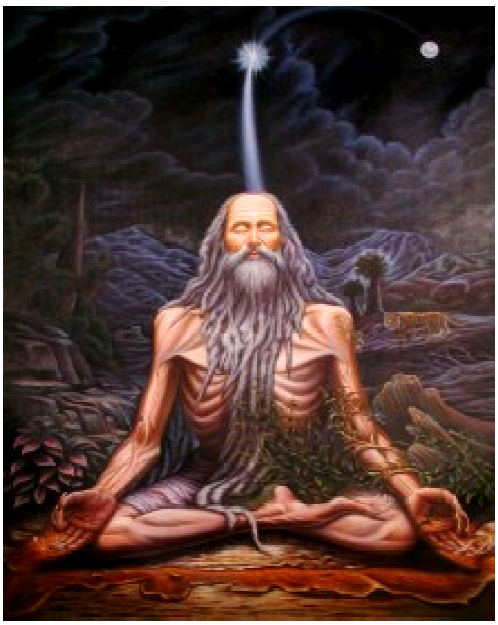
A sabedoria sempre foi o ideal dos filósofos. O termo "filósofo" é originalmente pitagórico e significa "amante da sabedoria", ou de Vênus em toda sua significância, incluindo, principalmente, a prática do amor com a esposa-sacerdotisa que encarna Sofia-Vênus nos trabalhos lucivenusianos. Além disso, as escolas pitagóricas, semissecretas, tinham como símbolo o pentagrama, considerado como a representação da perfeição, do microcosmo (indivíduo), da harmonia entre as forças opostas (positivo e negativo, macho e fêmea, luz e trevas, etc.) e da natureza. Todos esses significados do pentagrama se justificam, pois ele próprio apresenta em suas medidas a razão áurea que está presente em tudo (Pã).

S

MORRA DIFERENTE

Como os mestres morrem

Amyr Cantusio Jr.



Pensando em passar um pouco do conhecimento adquirido ao longo de 45 anos, aqui vão detalhes milenares de observações a respeito da "morte", ou a "arte de morrer", pelos yoguis e swamis (Índia, Egito, Tibete e Europa).

Independe de sua visão religiosa. As pessoas estagnaram na limitação metafísica ou são totalmente indiferentes, até a morte chegar repentinamente para um parente ou amigo. Outros ainda se apegam a dogmas inexistentes, misticismos e correntes de seitas criadas para confundir ainda mais. Então, aqui, algumas bases que podem ser constatadas por cada um individualmente, já que é a consciência que vai dirigir toda a viagem quando o corpo se desintegrar. Só não funciona quando o corpo morre em violência e acidentes.

No bhakti, os mestres morrem em samadhi longo, que dura até 45 dias (concentração lenta em um mantra ou mandala da Ordem). O monge ou mestre se deita sobre o lado esquerdo, cabeça voltada para o norte, entra em jejum e concentração e se desliga totalmente do exterior até todas as funções pararem. Não podem ser cremados, somente enterrados (mestres). Swami Prabhupada morreu assim.

No kryia, a morte é em samadhi imediato (segundos). O monge pode desligar imediatamente todas as suas funções e parar o coração. O treinamento é diferente em cada yoga e para cada mestre. Yogananda morreu dessa maneira, filmado por inúmeras redes de TV.

No karma, os mestres dessa linha dominam a hatha/swastya e astanga yoga (total controle sobre o corpo mental e o físico, amortecendo qualquer tipo de dor). Podem ficar de ponta-cabeça apoiados só no dedo indicador de uma mão. Na hora da morte, amortecem todos os sentidos e deixam uma fagulha de consciência focada.

No tantra, há concentração na atividade dos órgãos sexuais. O monge descarta pela idade, lentamente, todas as funções sexuais, gastando energia durante o longo treinamento (décadas). Na hora da morte, toda a energia fica agrupada nos chackras superiores (ajna e lótus), saindo do muladhara (chackra genital que deve estar totalmente vazio). Assim fazem os monges da Ordem do Dragão, de toga vermelha, do Tibete.

No zen-budismo (chan, na China), os monges, ao atingirem idade avançada, vão geralmente para as florestas onde entram em jejum e êxtase profundo, morrendo por falência múltipla dor órgãos. Não sentem absolutamente nada, devido a uma técnica de dhyana yoga que se chama “contemplação do vazio”.

Existem gurus (que não são mestres de ordens milenares), como Osho e Krishnamurti, que são intermediários (não yoguis) e só são treinados para ministrar conhecimento exotérico (psicologia da vida, não apego, não violência, acordar o cidadão para as coisas que são superficiais da vida).

Os chödis tibetanos, os Senhores da Sombra, praticam uma yoga concentrada no desapego total do corpo, que só é um receptáculo para o espírito, ou atman. Os monges treinam nas sombras refletidas pela Lua cheia dos planaltos do Tibete, invocando o espírito dos “desencarnados”, cascas e larvas astrais, que incorporam em seus corpos. Ali, o monge experimenta a dor e doa misticamente o seu corpo para as entidades, enquanto seu atman voa livre para as regiões astrais. Ele canta um mantra tocando um tambor xamânico (magos e feiticeiros bon-pos) até atingir o samadhi.

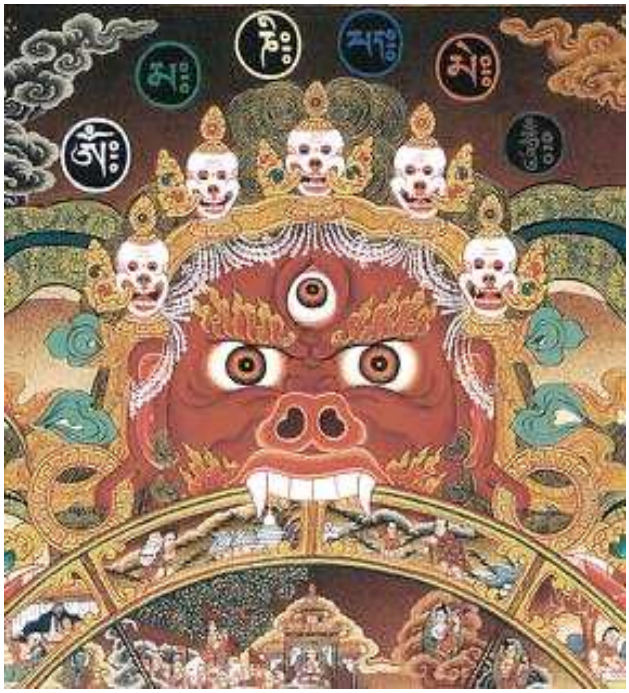
A morte não é igual para todos.

Se um indivíduo é fútil, medíocre, alienado, na morte ele se confunde. Ao ver a luz branca, ele se aterroriza. Não compreende que morreu. É atraído para um abismo onde pode ficar atolado infinitamente até o despertar. Se despertar, sobe para as regiões do astral. Se não despertar, seu atman volta para o centro do Logos Solar, e ele volta a habitar a matéria primitiva para se misturar aos elementos grosseiros. Isso se chama vikarma (regresso à matéria inferior primitiva). Ou seja, ele cria uma mônada grosseira, que parece um poço escuro, um visgo em volta de si.

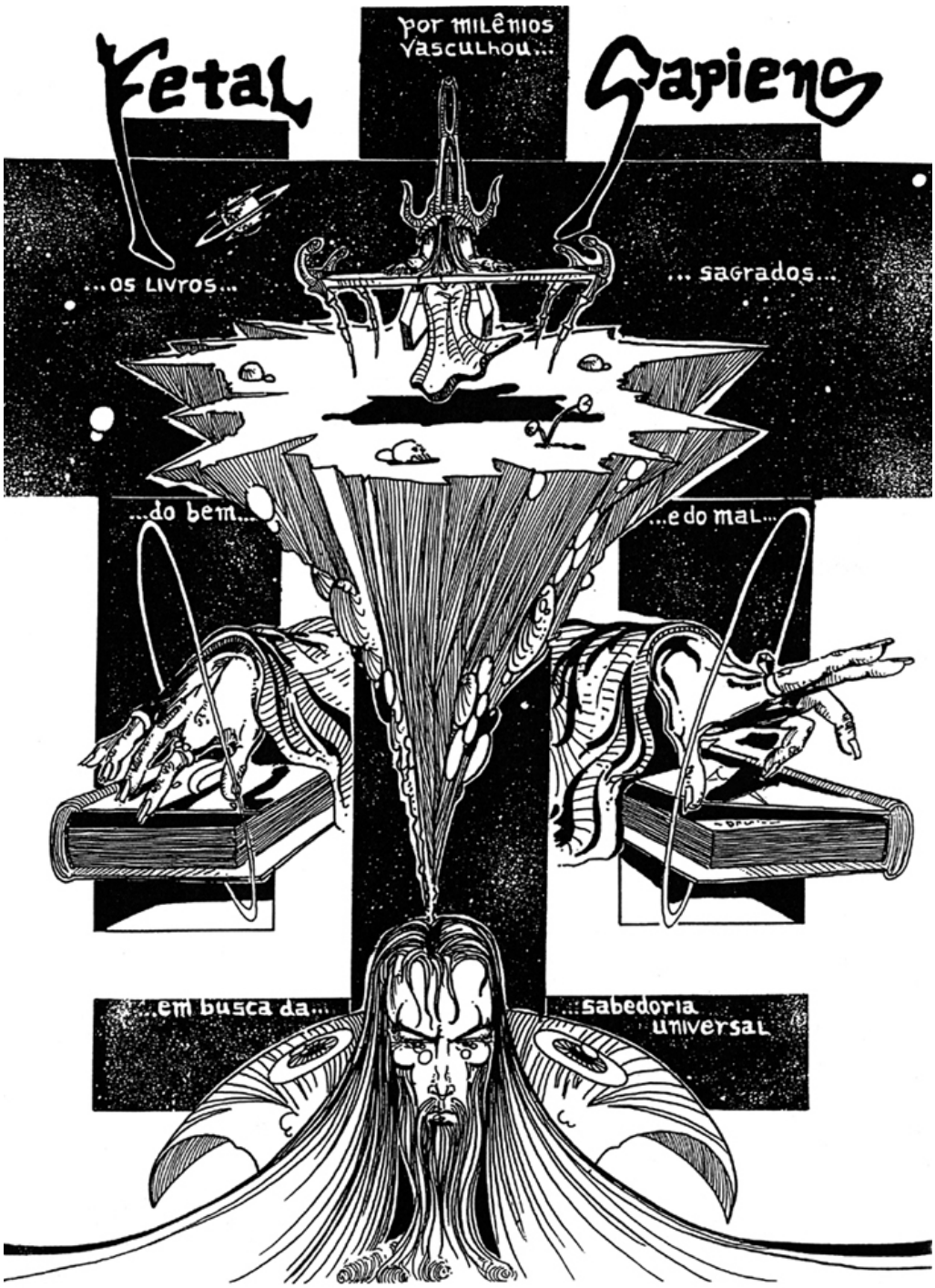
Cada um vai sair do corpo e se deparar consigo dentro do infinito. Não há ajuda; há seres que observam; há entidades estranhas e pavorosas; há ruídos e visões. A viagem é solitária. No caso dos monges que treinaram, a consciência e o atman formam um casulo (mônada) e atravessam direto para regiões “azuis” astrais. Ali,

pode ficar durante ciclos de tempo (medido pelo nosso, já que na morte não há espaço ou tempo). Constroem com o corpo mental lugares maravilhosos, de acordo com o que cada qual compreende de si próprio.

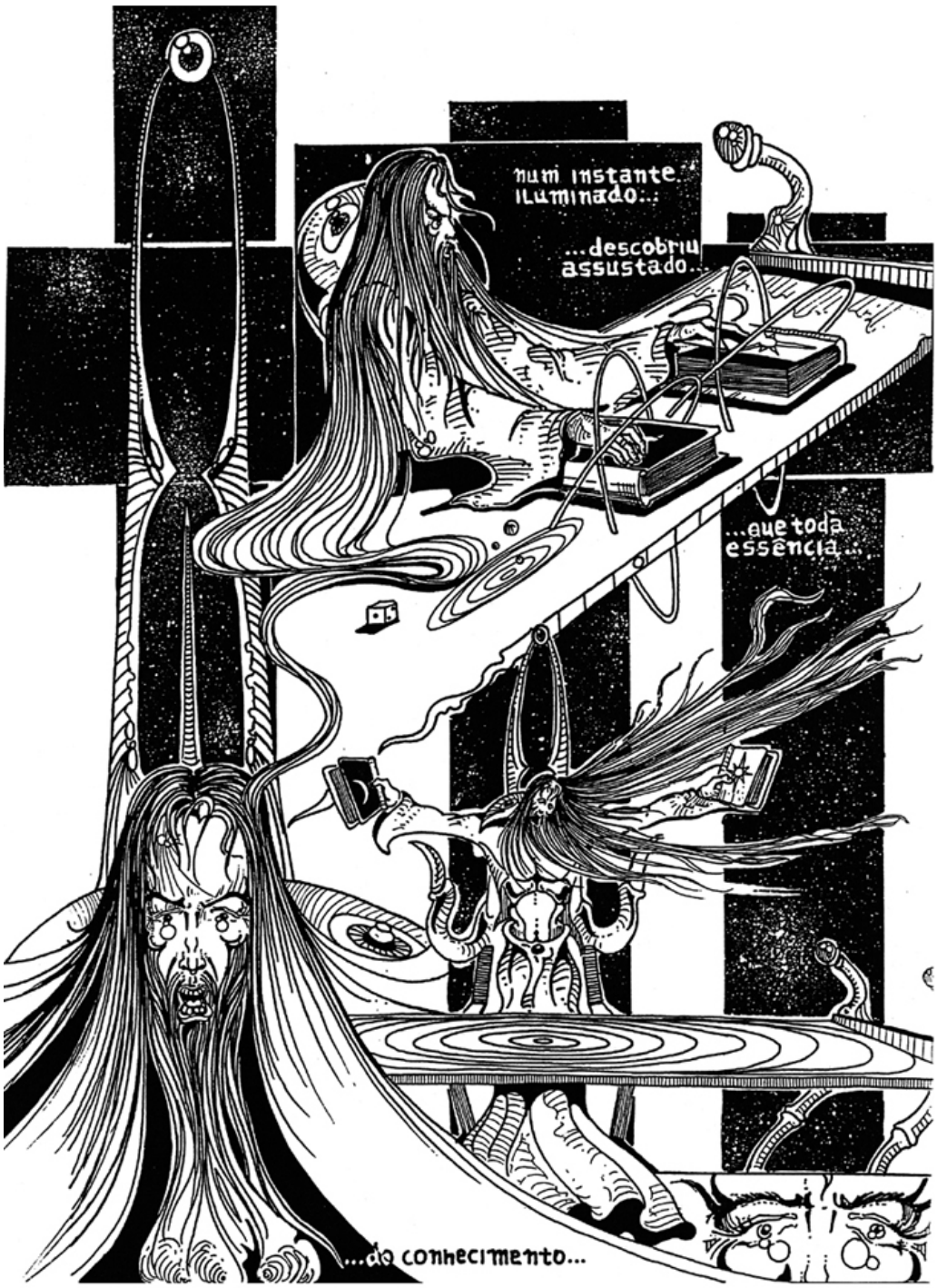
Magos e feiticeiros yoguis treinam para sobreviver no mundo astral, ou aviche, região do astral inferior muito erotizada, cheia de elementares e figuras bizarras, mundos caóticos e perturbados. Nessas zonas próximas à atmosfera densa material dos planetas, podem se reencarnar por vezes e desfrutar incorporando corpos de qualquer natureza. Ou seja, transferência de consciência. Eles podem viver indefinidamente nessa zona dimensional.



Não há "reencontros" com parentes ou toda aquela "mística" criada elo espiritismo, etc., já que cada "alma humana" segue para um curso e local determinado por infinitos mundos e regiões. Nem lugares em que você vai achar um céu, com casa, mulheres, roupas, carros, e gastar dinheiro. As regiões além da matéria são infinitas e densas, longas camadas de neblina cósmica dimensionais. Cada ser vai gerar seu próprio céu ou inferno, decorrente unicamente de seu karma. Aquilo que ele é, aquilo que ele plantou, será. Finalmente, a morte não muda o indivíduo. Ele continua a ser ignorante ou sábio, bom ou mau, idiota ou perspicaz, erotizado ou não, etc. Suas qualidades intrínsecas continuam dentro em forma de consciência átmica. A reencarnação pode ocorrer se o falecido for parar no limbo (zona intermediária na aura dos planetas). Ali, ele mesmo determina, segundo a sua consciência, um corpo para voltar a habitar. Mas existem reencarnações involuntárias (indivíduos muito medíocres ou animalescos que acabam sendo atraídos por matrizes de animais, como porcos, cães, cabras, cavalos e, até mesmo, pedras ou vegetais). Outros são bodhisatwas que podem controlar suas encarnações, como os monges tulkus (Tibete), que escolhem onde nascer detalhadamente.



Fetal Sapiens. Edgar Franco.



Fetal Sapiens. Edgar Franco.

Fetal Sapiens. Edgar Franco.

XAMÃS TAMBÉM TÊM DUAS CARAS

A máscara xamânica

Mishlen Linden

Tradução: A.C. Monteiro

O artista e sua criação estão ligados pelo poder do ato de fazer, ou do feitio. Toda arte é, em um sentido, uma extensão do artista. Entretanto, na criação de uma máscara pessoal de poder, o Eu se torna externalizado e acessível para a mente consciente. Essa externalização é essencial para que se faça a comunicação.

O processo em si mesmo consiste em fazer a máscara, alimentar a máscara e, finalmente, comunicar-se pessoalmente dentro e fora de um ritual. O objetivo final é a comunhão.

Como você vai pintar a máscara depende do que você está invocando. Se está criando o seu Eu poderoso – o Anjo Guardião – pinte-a com as suas cores favoritas; se está invocando os mortos, pinte-a de branco, a cor dos ossos do esqueleto; se está chamando deuses ou deusas, pinte a máscara com as cores correspondentes. Você pode também querer adicionar penas ou pedras, ou outros talismãs apropriados à força em questão.

O próximo passo é o ritual de *empoderamento*. Você pode sentir, é claro, que a máscara já está poderosa, mas vai aumentar esse poder de várias maneiras por um ritual unicamente dedicado a ela; você vai "alimentar" a máscara.

Prepare antecipadamente os objetos que você quer usar para alimento da máscara. Se for uma forma-deus particular, tenha o cuidado de dar alimentos e objetos apropriados a essa força. Para criar a manifestação física para a máscara, temos usado a recentemente popularizada capa de ataduras de emplastro, que pode ser encomendada em uma loja de suprimentos artísticos, e não é cara. Corte as ataduras em tiras de variadas larguras. Cubra o rosto do sujeito com geleia de vaselina,

principalmente os cílios, sobrancelhas e qualquer lugar onde o emplastro pode grudar. Tenha uma bacia de água à mão e umedeça cada parte das ataduras. Coloque-as sobre o rosto da pessoa, trabalhando das bordas para dentro. Tenha cuidado com as partes onde começa os cabelos. Não cubra os olhos nem as narinas. Se você fizer a máscara com a boca aberta, será mais fácil falar com ela e alimentá-la; mas também há poder no silêncio. Cubra a máscara com três camadas de ataduras e espere de cinco a dez minutos. Para separar a máscara da pele, a pessoa deve fazer expressões faciais exageradas; assim, você pode retirá-la delicadamente. Espere um dia para pintá-la; ela tem de estar completamente seca.

A alimentação da máscara é feita em um altar ou lugar sagrado, com a máscara no centro. Dê a ela seus dons do poder; envie energia através das palmas de suas mãos; dê a ela o alento da vida. Os olhos podem começar a brilhar. Então fale com a máscara. Abra a sua mente e espere. Faça isso até que você sinta o poder da máscara, até sentir uma presença no ambiente. Não tenha pressa. A máscara irá se tornar uma casa do espírito.

Quando estiver pronto, vista a máscara, em privado ou na presença de outros magistas. Os efeitos serão dramáticos. Cada pessoa receberá um poder único. Deixe o poder fluir através de você e transformá-lo. Olhe para si mesmo em um espelho. Abra-se para a experiência – não deixe sua mente ir embora. O momento para processar é depois que o ritual estiver terminado.

Em tempo, o poder da máscara se integrará em sua psique. Quando isso acontecer, o poder deixará a máscara. Queime-a ou enterre-a com respeito; ela terá feito o seu trabalho.

Chamar as deidades por meio da criação de máscaras é um método que tem sido usado repetidamente ao redor do mundo, por séculos. É uma magia poderosa e eficaz. Lembre-se de alimentar a máscara de acordo com a sua natureza, e sempre respeite o seu poder.

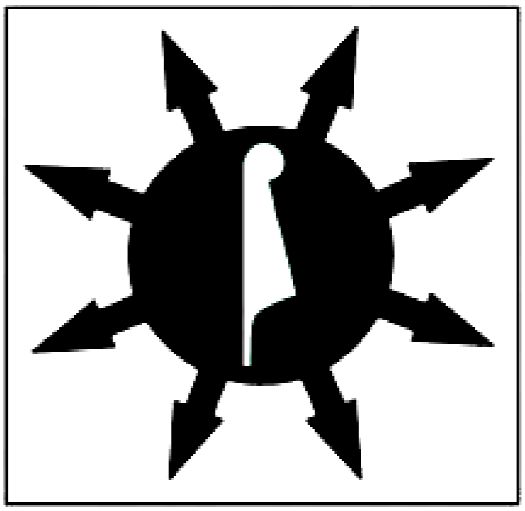
S

SERIA UMA PENA SE NÃO FOSSE UMA BAGUNÇA

Magia de Maat e Magia do Caos

Nema

Tradução: A.C. Monteiro



Deve-se ser sábio para distinguir entre os métodos mágickos como aparecem impressos e os magistas individuais que fazem uso deles. Ambos, magos do Caos e magos de Maat, tendem a ser altamente individualistas (como é próprio nessa arte), e, assim, têm encontrado sua própria compreensão dos métodos empregados. Os magistas se parecem mais em sua criatividade independente do que em suas terminologias ou filosofias.

Com exceção do trabalho de Austin Osman Spare, havia pouca, ou nenhuma, inovação no campo da magia ocidental desde a morte de Aleister Crowley até o início dos anos de 1970. O trabalho de Jack Parsons é fortemente thelêmico, distinguido por sua paixão pela liberdade e soberania individual e por sua devoção à manifestação de Babalon. Charles Stansfeld Jones anunciou o início do Éon de Maat, mas falhou em desenvolver um sistema iniciático baseado nessa "nova" frequência da corrente mágicka. As explorações do lado noturno da magia, de Kenneth Grant, manifestadas primeiramente em material impresso, com seu *Culto das Sombras*, em 1975, continuam até os dias de hoje; vejo uma breve menção de seu trabalho na literatura da Magia do Caos, salvo como a pessoa que tornou públicos os trabalhos de Spare.

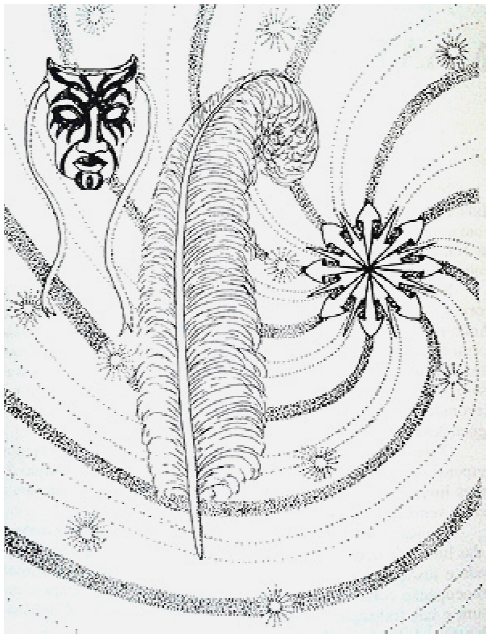
A similaridade mais óbvia entre a Magia do Caos e a Magia de Maat é que são sistemas mágickos pós-crowleyanos. Ciência, tecnologia e comunicação global têm alterado o mundo radicalmente desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Ambos os sistemas se dispõem dessas fontes de metáforas novas em suas técnicas, terminologias e visões de mundo gerais. A Magia do Caos se autodeclara nova, e a Magia de Maat

honra suas raízes. Mas, como o sr. Max aponta: sim, a Magia do Caos é uma "nova" tradição (isso não é um oximoro*?), mas como é baseada na desconstrução das formas tradicionais, definitivamente está em débito com o passado. Assim, eu diria que a Magia do Caos é derivada de tradições mais antigas por desconstrução, ao passo que a Magia de Maat é derivada por extrapolação.

As diferenças nas similaridades entre os dois sistemas são espelhadas pelas similaridades nas diferenças, como se tornarão claras no curso de nossas considerações.

Ambos os sistemas mágickos têm um mapa eônico. No *Liber Kaos*, o senhor Carroll mostra uma tabela sumarizando sua visão da psico-história passada, presente e futura. Apresentam-se quatro Éons (Xamânico, Religioso, Racionalista e Pandemônico), divididos em dois *sub-éons* cada (animista/espiritista, pagão/monoteísta, ateísta/niilista e caoista/?). Esses são apresentados da esquerda para a direita, e, acima deles, três ondas senoidais representando o paradigma materialista, o paradigma mágicko e o paradigma transcendental. As ondas mostram a predominância relativa de cada paradigma (o consenso-realidade, ou *zeitgeist*, de uma cultura contemporânea em qualquer ponto da história) para cada éon ou *sub-éon*. É um esquema elegante, e recomendo. Não tenho ideia se qualquer outro caótico assina embaixo, mas, para mim, tem o *click* satisfatório de uma ideia complexa que faz sentido.

O mapa eônico da Magia de Maat consiste de: Éon Inominável (pré-história-caça/colheita: animismo, xamanismo, vodu); Éon de Ísis (gado, fazenda, pesca: a Grande Mãe e os panteões pagãos); Éon de Osíris (as cidades-estados, invasões, guerras: judaísmo, cristianismo, islamismo); Éon de Hórus (energia atômica, rádio, televisão: thelema, ateísmo, existencialismo); Éon de Maat (teoria das cordas, manipulação genética, internet: Magia do Caos, Magia de Maat, e um número crescente de novos métodos mágickos); Éon Sem Palavra (o distante e próximo futuro manifestado, em que uma nova espécie emerge do gênero humano).



Nema. *A pluma de Maat.*

O Éon Sem Palavra e o Éon Pandemônico parecem representar a mesma "condição"; a visão do Caos a vê tanto como um tempo em que a mágicka prevalece como um modo de vida, e a visão de Maat é a de um estado duplo de consciência,

*N.T.: Figura de linguagem que expressa contradição.

individual e coletiva. Ambos os sistemas mágickos veem o futuro manifesto como fundamentalmente diferente do presente, em uma escala global, e veem o desenvolvimento e o uso da tecnologia como fundamental para essa diferença.

No curso do desenvolvimento e do uso da Magia de Maat, tenho encontrado a "personalidade" de nosso eu futuro duplo-consciente, que chamou a si mesmo de N'Aton. Eu reconheci na internet o esqueleto e o sistema nervoso de N'Aton, "encarnando" mesmo enquanto nós falamos.

Existe uma subsimilaridade entre os sistemas mágickos, em que a fórmula mágicka de todos os éons está atualmente disponível para uso apropriado e competente. Eu encontrei isso no decorrer dos trabalhos com a Magia de Maat, e chamei de Magia Paneônica. Em algum lugar no mundo, hoje, há pessoas praticando e vivendo sob a influência de cada um dos éons. Em vez do modelo linear, ou mesmo cumulativo, de desenvolvimento da prática e visão mágickas, acho o modelo atemporal/eterno muito mais próximo da "realidade". Os escritos que tenho visto sobre Magia do Caos encorajam o uso livre e gratuito das técnicas e metáforas de todas as culturas e eras.

A Magia do Caos e a Magia de Maat fazem uso da magia dos sigilos de Spare, o processo em que a intenção é escrita, reduzida e rearranjada de uma forma abstrata em um papel (ou outro material apropriado), e esquecida, sendo então relembrada no momento de grande êxtase e liberada no universo para se manifestar. O processo de sigilização move a intenção da mente consciente para o inconsciente – ou, mais precisamente, em minha opinião, para a mente subconsciente, profunda. Isso é feito durante o ato de esquecer. A mente subconsciente, consistindo de poderes acumulados ao longo de nossa evolução a partir de células simples, assim como a conexão subjacente a todas as coisas, pode e age sem as restrições impostas pelo ego e pela consciência. Uma sentença coerente escrita na forma de um desenho abstrato incompreensível remove o intento das garras da consciência ordinária e o entrega ao reino pré/pós-verbal da mente subconsciente. Magia do Caos e Magia de Maat também compartilham o uso da crença, de Spare,

como ferramenta. Humanos tendem a ser limitados pela crença, mantida em uma doutrina específica ou conjunto de dogmas, e como uma pseudossegurança nessa limitação. Há um *slogan*, às vezes visto em adesivos americanos de para-choques, que fala: "A *Bíblia* diz, eu acredito nela, e isso resolve!". Guerras têm sido lutadas em nome de diferentes crenças (cruzadas, jihads, pogroms*), assim como em nome de diferentes filosofias éticas ou biológicas (como na guerra civil americana sobre a escravidão).

Eu vejo a crença como uma extensão de nossa ânsia por sobrevivência, de lutar ou fugir, por agarrar firmemente o galho mais próximo quando o vento perturba o topo das árvores. Entretanto, a crença deve estar vazia de conteúdo para ser uma ferramenta mágicka efetiva. Deve-se acreditar intensa e apaixonadamente naquela forma-deus que está sendo invocada, por exemplo, ou a transformação do magista no deus não irá ocorrer. É necessário ser capaz de retornar ao seu eu comum após o ritual, sem esse deus morando permanentemente em sua crença, de modo que, quando você precisar acreditar em algo mais em outra ocasião, você terá uma ferramenta receptiva limpa e disponível.

O número oito tem um papel importante na Magia do Caos e na Magia de Maat. Oito setas radiantes a partir de um ponto central é o símbolo primordial do Caos, e é usado no *Liber Kaos* como um esquema para oito tipos de magia que são atribuídos a várias cores:

- **preto** – magia de morte, por experimentar a natureza da morte pessoalmente, ou enviando feitiços de morte. (Sem comentários); parece ressoar com Saturno;
- **azul** – magia de riqueza é jupiteriana;
- **verde** – magia de amor reflete a natureza de Vênus;

*N.T.: Movimento organizado para extermínio de determinados grupos, especialmente semitas.

- **amarelo** – a magia do ego corresponde à energia solar; uma subsimilaridade existe aqui com a dança das máscaras da Magia de Maat;
- **violeta** ou **prata** – magia sexual; violeta é para a paixão e prata é para a Lua;
- **laranja** – magia de pensamento é de natureza mercurial;
- **vermelho** – magia de guerra;
- **octarina** – magia pura, com a octarina sendo a cor que o indivíduo associa à essência da magia.

DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?

O outro lado

Lord A:.

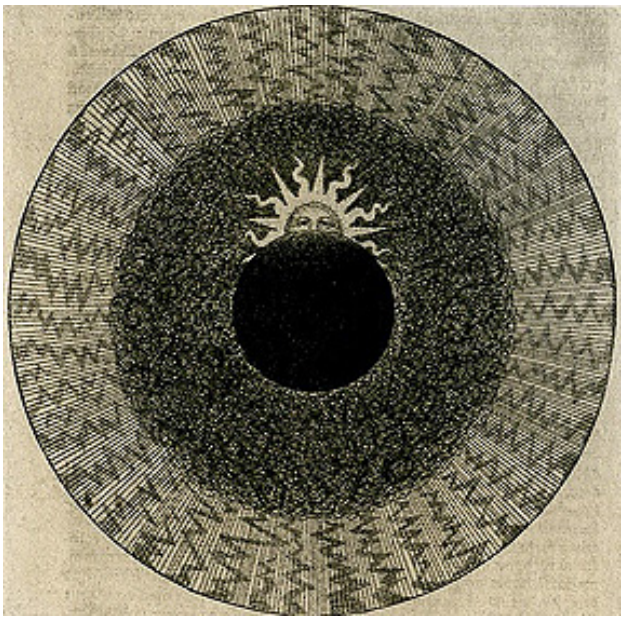
Na melhor das hipóteses, sou apenas um espreitador ou, ainda, um caçador neste selvagem jardim. O desafio é através dos contrastes e das encruzilhadas, do ponto mais negro e sombrio da floresta; reter a presença de espírito e determinar sobre aquilo que nos determina. A lança ou o graal é consequência de como empunhar e agir mantendo a presença de espírito diante de cada desafio. Depois sendo capaz de reconhecer aquilo que está em si sem precisar deixar em terceiros méritos ou vícios. Somos os que vagam, os pecadores e os malditos. Somos os mortos para o mundo, pois deixamos o rebanho até onde nos foi possível, almejando, quem sabe, uma aurora pós-humana. Habitamos limiares e vanguardas que recepcionam o que ressurge, e certamente está além do humanismo. O novo e o que há de vir são grotescos como tudo que causa espanto, que mostra ou desvela. Assim é o "Outro" que nos tornamos a cada "Outro Lado", na jornada de nossa consciência sob as bênçãos do trovejante Júpiter, através do longo e aveludado manto negro D´Ela.

Gustave Doré.

Encontramos o outro lado não tanto pelas escolhas que fazemos, mas quando, algum tempo depois, olhamos para trás e vemos quem fomos e o que nos tornamos neste momento da vida. Já estamos do outro lado. Há uma beleza singular e muitíssimo especial quando percebemos e assumimos claramente a história e o processo de como tudo isso aconteceu. Essa "sacada" é a beleza derradeira, de natureza sublime e indispensável, que devemos ter como foco em nossas espreitas e caçadas através de tantos reinos e prados de possibilidades. Na Cosmovisão Vampyrica, provamos no ritual simultaneamente uma realidade em que vivemos e outra que vivemos dentro de nós, e que assim nos permite, com a bússola apropriada,

realizarmos essa jornada rumo ao “outro”, ou seja, o indivíduo realizado do outro lado daquilo que já foi.

Somos ensinados ou estimulados a desenvolver certo protagonismo e até a nos iludirmos que tomamos todas as decisões ou fazemos todas as escolhas de nossa vida. Mas se, no máximo, podemos vir a nos tornar donos de apenas 50% das tais verdades que alegamos possuir como história de vida, parece-me um tanto exageradas as afirmações conclusivas sobre conduzirmos absolutamente tudo em nossa vida. Aprender ou ainda desenvolver uma metodologia que permita mensurar a jornada, seus percalços, o que levar junto, quem ou o que deixar para trás, é delineado através de quase toda espiritualidade de base perene neste mundo. O que permanece é aquilo que expressamos vindo de um intento, algo que não é ensinado e tampouco aprendido que se carrega de uma vida para outra, enquanto ainda forem necessárias.



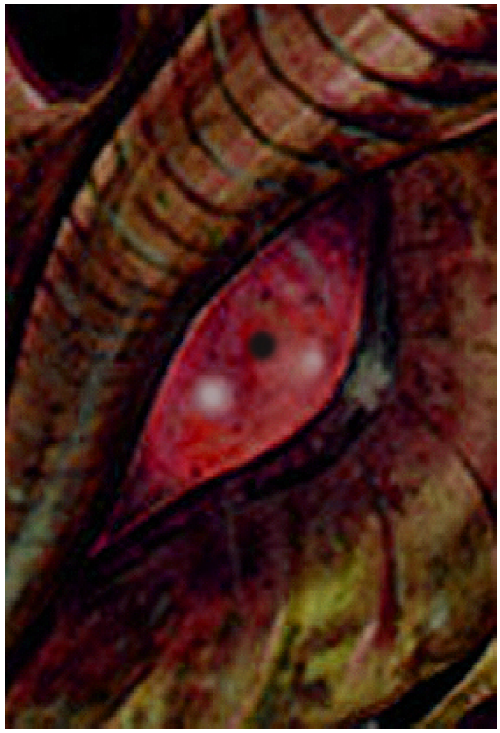
Robert Fludd. *Utriusque Cosmi*, 1617.

Há um “outro lado”, imprevisível e feral para as pessoas como eu e “acausal” para outros mais eruditos; de toda maneira, ele interfere continuamente e de formas mais ou menos objetivas. É o sussurro que lhe desvia do caminho, a sensação ou o orgasmo que faz rever uma vida. É a ideia súbita e imprevisível, assim como a de uma musa ou ainda a do canto de uma sereia que arrasta para as profundezas. Mas, neste artigo, o meu foco principal não são as escolhas feitas ou aquelas deixadas de se fazer, que também consistem em uma forma de se escolher algo. Até mesmo porque a própria ideia de um “outro lado” expressa aquilo sobre o que não temos controle, o que está além do que podemos catalogar diante da nossa percepção enquanto causa e efeito. Resumindo, é algo que só conseguimos explorar posteriormente, quando um mapa de imagens se alinha sedutoramente segundo nosso novo ponto de vista surgido depois de tudo que vivemos e que nos levou até aquele momento. Ainda assim, de nada adiantará tudo isso se você não tiver provado o sabor do seu próprio destino, a clara visão daquilo que lhe é transparente ou conhecer sua Verdadeira Vontade.

OUTRO POSICIONAMENTO

O foco acaba sendo o dar-se conta, o perceber e o lampejo de quando caímos em nós mesmos e olhamos revigorados para toda uma história de vida – e nos damos conta de

que já estamos do outro lado. Muitas vezes, chegamos ao "outro lado" quando mudamos um posicionamento diante de um tema ou de uma forma de postura. Um novo ponto de vista ou até, quem sabe, um novo paradigma de se ver a própria realidade é um resultado proveitoso para uma boa caçada. É a trilha do diabo, pois leva à sabedoria ou à danação completa, segundo alguns. Mas é um engano para nós, da Cosmovisão Vampyrica, pensarmos que o "outro lado" esteja lá fora ou além do que somos ou, ainda, realizamos, mesmo porque apenas alcançamos até onde conhecemos, e aceitamos como natural, ou, ainda, até a região liminar e porosa onde reside o contraste com tudo isso que pensamos saber ou supostamente possuímos. Não há novidades nisto que escrevo para quem descansa no dorso ou no abraço do dragão.


A.C. Monteiro.

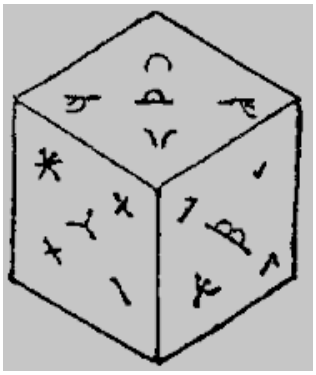
A maneira como escolhemos enxergar uma situação – e não exatamente "ver", afinal ver é um ato fisiológico e enxergar é mais complexo –, pode mudar toda uma vida. Enxergar trata daquilo que não se vê apenas com os olhos; aqui, falamos de como percebemos a vida e do que reconhecemos como natural para cada um. Excessos ou ausências, polaridades, dicotomias e opostos fazem parte desse jogo, e como nos posicionamos ou encaramos nos leva a enxergar, por meio do seu contraste, aquilo que carregamos em nós. O natural, às vezes, pode se desvelar como algo mecânico e compulsivo, cíclico, vicioso e repetitivo. Esse "natural" pode nos embaraçar e nos aprisionar a tudo que é produto apenas e exclusivamente de nossa mente, levando-nos à presunção ou a uma estreiteza mental. Ciclos viciosos e aquelas histórias que sempre se repetem na sua vida e que dão a impressão de que nada sai do lugar e tudo sempre dá na mesma. O Sísifo dos mitos gregos seria um bom exemplo. Apenas o feral, o sonho, o imprevisível, o súbito e, até mesmo, o amor encarnam esse "estranho" que nos levará ao outro lado. Mas só daremos conta disso depois que cruzarmos os limiares, e um certo tempo depois. Cada um representa, mensura ou, ainda, vem a mapear filosoficamente tal jornada de acordo suas habilidades.

Nestas últimas duas décadas de prática e serviço, conheci pessoas que utilizavam o Alfabeto do Desejo, do grande Austin Osman Spare, as Runas (tanto na sequência do Futhark ou do Uthark, que aprecio mais). Há, ainda, quem se utilize da Kabbalah, das Sephiroth ou das Qliphoth, da Roda do Ano, da Wicca, dos Arcanos

do Tarot, e de muitos outros. Importa mais a habilidade e a sagacidade de alguém nesse contexto do que qualquer outra coisa. Cada um faz ou realiza seu "Destino", afinal utilizo o termo no sentido de têmpera ou, ainda, "jeitão" de cada um, conforme aprendi e transmito através da Cosmovisão Vampyrica. Todo alfabeto senciente nos oferece ferramentas, armamentos e recursos mais sofisticados, mais qualificados, para elaborarmos interpretações e leituras eficazes para a jornada neste desterro. Todos requerem um certo grau obsessivo que torne uma compulsão, uma usina de energia, e não um parasita de si – ou um hiperespecializado estéril que só repete o que os outros falam. Se chamo de alfabeto, é porque os símbolos formam palavras e sentenças; logo, vem a formar um repertório próprio de cada um de nós. Como tudo aquilo que vem através de nosso legado daemônico, ilustra que não há diferença substancial entre o que sonhamos e o que pensamos, mas demanda o cuidado com a presunção e a soberba. Isso nos aproxima do intento, mas pode nos derrubar se tornarmos intenção.

Só chegaremos ao "Outro Lado" quando deixarmos de reconhecer ou de nos apegarmos aos ecos de nossas próprias ideias, zonas de conforto, e de espelharmos o que julgamos ser o melhor, segundo o que tomamos como natural ou, ainda, mecanicamente. Estranhamento e espanto para enxergar algo além das evidências que nos são entregues por sentenças prosaicas, como "aceite as coisas como são... exatamente como são". Para que ser 10 se podemos ser 11, afinal de contas?

UM MÉTODO?



A pedra cadente

Há pelo menos 10 anos, sou fascinado pelas chamadas Adulrunas, trazidas ao mundo por Johannes Bureus, um polímata e antiquarista responsável pela popularização das runas entre o povo e a nobreza na Suécia do século XVII. Ele é apresentado como um filósofo pré-rosacruz e, talvez, fosse o mais proeminente pensador a aproximar a sabedoria nórdica insular do mar Báltico ao hermetismo do continente europeu. Sua obra mais conhecida foi o livro *Adulruna Rediviva*, que inspirou o grande rei Gustav Adolfo II e assegurou a Bureus o posto de tutor de sua filha, a rainha Kristina, a Athena do Báltico. Para ressignificar as runas, ele visitou os fazendeiros das províncias mais distantes e suas chamadas sociedades lunares e peculiares calendários marcados com 19 runas, sendo 16 delas vindas do Younger Futhark e outras 3 criadas especialmente para tal finalidade. Nas Adulrunas, seu codificador utilizou 15 runas que intercalam as formas do Younger Futhark e das chamadas Hälsing Runes. Assim, ele criou 3 formas de agrupamentos: as runas deitadas, a pedra cadente e a cruz rúnica. Vamos falar um pouco dessas duas últimas, visto que as primeiras são apenas as runas desenhadas na vertical e divididas nos seus 3 Aetyrs.

A pedra cadente remete diretamente ao mito hermético da esmeralda de Lúcifer, a tábua de esmeralda de Hermes Trismegisto, ao santo graal e à mítica medieval associada à *Parzifal*, de Wolfram von Eschenbach (que também influenciou a ópera homônima de Richard Wagner). Ela divide em um cubo rúnico, que desvela 3 faces ao observador, as runas em 3 Aetyrs: as ancestrais ou criadoras, no topo (pertencentes à santa trindade Thor, Odin e Freya, bem como à roda da vida); abaixo, à esquerda, as runas gerantes ou geradoras (a mente ou, ainda, o espírito de cada um); e, ao seu lado, o terceiro agrupamento, com as runas geradas (responsáveis pelo selvagem jardim e pela matéria). A pedra cadente, ou o cubo rúnico, nos oferecem um interessante diagrama da consciência ou uma releitura fascinante da pedra filosofal interpretada através do universo rúnico. Os mais hábeis podem extrair dessas relações aspectos importantes do Wyrd, ou "Destino" tripartite, tão caro aos nórdicos pessoais ou de terceiros. Quem souber fazer uso dela tem ali uma bússola para alcançar o "Outro Lado" e vir a se conhecer quando realizado, e lado a lado com Júpiter (Thor).

A cruz rúnica

Enquanto a pedra cadente oferece, na minha visão, uma bússola, a cruz rúnica oferece um processo e a representação de um mapa rumo à chamada "teomorfose" através de um processo alquímico simbólico e interior, bastante trabalhado com a "A Arte D´Voar" ou o "Sonho Lúcido", para integrar todas as estâncias opostas das 3 formas do ser (descobrir os 3 tesouros). No eixo horizontal, ela oferece um mapeamento dos contrastes que levam do temor à valentia e do ciclo da vida. No eixo vertical, temos um verdadeiro processo de ascensão ou descensão da cegueira do mundo materialista à clara visão que remete ao enxergar o que carrega como têmpera, ou Destino, livrando-se de toda e qualquer sina. Há, ainda, valorosas comparações com processos alquímicos que permitem encontrar até mesmo equivalentes simbólicos aos chakras e uma singular forma de exercícios e posturas de poder que remetem alguns a uma yoga nórdica ou, melhor dizendo, Stadhagaldr. Mas, além disso tudo, esse sistema nos oferece aquela estranheza e mistério que nos impele a manter a presença de espírito através da jornada. Só alcançamos (ou somos alcançados) pelo "Outro Lado" quando nos tornamos o "Outro", aquele que apenas se torna depois do que viveu e percebe a jornada feita.

Há cerca de 10 anos, as Adulrunas (traduz-se como "Nobres Runas") trazem ao Círculo Strigoi uma grande lucidez através dos sussurros e dos aliados valorosos em nossas jornadas. Todo conteúdo demanda uma forma, um nome, um cheiro, um sabor, um mito, e nos endereça ao seu dono ou dona e permite uma relação para o desenvolvimento de objetivos comuns. E tais nobres runas demonstram seu valor e

funcionalidade nesse processo, mesmo havendo ainda pouca literatura sobre elas. O trabalho de Bureus ressurgiu no século XX, nas páginas da revista *Runa*, de Edred Thorsson, mais tarde no livro de Susan Ackërman e posteriormente nos estudos do doutor e PhD Thomas Karlsson, da Universidade de Estocolmo (mais conhecido por seu trabalho pioneiro à frente da Ordo Dragon Rouge e como letrista da banda de metal sinfônico Therion, que gravou um álbum maravilhoso sobre as Adulrunas chamado *Gothic Kabbalah*).

Para o primeiro semestre de 2018, estarei publicando um livro, por meio do selo próprio da Rede Vamp, exclusivamente dedicado ao contexto das Adulrunas e nossa vivência com elas através do Círculo Strigoi.

HINO A SATÃ

A ti, da criação
Princípio imenso
Matéria e espírito
Razão e senso

Enquanto no cálice
O vinho cintila
Como a alma
Na pupila

Enquanto sorriem
A terra e o sol em clamor
Vão trocando
Palavras de amor

E corre um arrepio
Do seu secreto abraço
Da montanha e planície
Brota vida no regaço;

A ti, desafiador
Verso ousado,
Invoco-te, Satã,
Monarca do banquete anunciado

Coloca de parte o teu hissopo
Padre, e as tuas litanias!
Não, padre, Satã
Não se retira das cercanias!

Vede! A ferrugem
Corrói de Miguel
A espada mística
E o fiel

Arcanjo, depenado
Cai na vasta imensidão
Relâmpagos jazem congelados
De Jeová na sua mão

Como meteoros pálidos,
Mundos extintos num momento,
Os anjos caem
Do firmamento

Na matéria
Que nunca dorme
Rei dos fenômenos
Monarca conforme
Satã vive só.
Mantendo-se seguro
No relampejo trêmulo
De um olho escuro,

Ou cuja languidez
Foge e persiste,
Ardente e úmido
Provoca, insiste.

Que brilhe em cacho
E no sangue prazenteiro pingue,
Por quem a rápida
Alegria não se extingue

Cuja efêmera
Vida preserva,
Que a dor prolonga
E o amor inspira e conserva

Respiras, Satã
Em versos meus
Irrompendo em mim
Um desafio ao deus

De perversos pontífices
E reis sanguinários;
Como um relâmpago tu
Chocas os seus imaginários.

Para ti Arimane,
Adônis, Astarté
Vive o mármore, a tela,
O pergaminho e a arte

Quando os jônicos arcos
De serena aura sem limite
São abençoados por Vênus
E Afrodite

Para ti do Líbano
Abana o arvoredo verdejante,
Da alma cipriota
Ressuscitado amante:

Para ti danças e coros,
São dedicados com fervor,
A ti as virgens oferecem
O seu cândido amor,
Entre as perfumadas
Palmeiras dos edomitas
Onde dos cipriotas mares
A espuma fitas

Por que razão esse bárbaro
Do Nazareno
Fúria exacerbada
Do ritual obsceno
Com a sagrada tocha
Os teus templos incinera
E as tuas estátuas
Dispersa pela cratera?

MALDITAS ALMAS

Acolho-te, refugiado
No seio do lar
O povo zeloso
No seu domínio secular

Assim um feminino
Coração palpitante
Transbordante, férvido
Deus e amante,

A bruxa pálida
Do incessante questionamento
Dirige o seu socorro
À natureza em sofrimento

Tu, para o olhar fixo
Do alquimista
E para o desobediente
Mago à tua vista

Do claustro lânguido
Para além da sua portada,
Revela o brilho
De uma nova alvorada

No deserto de Tebas
Onde em tudo tu resides
Fugindo, o monge infeliz
Se esconde dessas lides

Através da tua
Alma marcante e divisa,
Satã é benigno;
Eis Heloísa.
Flagelas-te sem propósito
No teu invólucro amargo e ácido:
Enquanto Satã te murmura versos
De Virgílio e Horácio

Por entre o lúgubre hino
E o monocórdico lamento;
As formas divinas
São-te oferecidas em chamamento

[...]

Mas outras imagens
De uma época mais grandiosa
São mais apropriadas
A esta insonolenta cela preciosa

Satã, das páginas
De Lívio, conjura fervente
Tribunos, cônsules,
Multidão fremente

MALDITAS ALMAS

O perspicaz, e fantástico
Orgulho italiano pioneiro
Empala-te, ó monge
No Capitólio altaneiro

E a vós, que a furiosa
Pira destruir não conseguisse,
Vozes fatídicas,
Huss e Wycliffe

Aos ventos o grito
De aviso envias:
Uma nova era se inicia
Completa-se a espera dos dias

E já tremem
Mitra e coroa:
Dos claustros
A rebelião ecoa,

[...]

Com Relâmpagos e trovões
Rodeado de chamas;
Matéria, ergue-te:
Satã venceu suas batalhas.

Um belo e horrível
Monstro se liberta,
Percorrendo os oceanos
Percorrendo a terra aberta:

Incandescente e fumegante
Como um vulcão à superfície,
Supera a montanha,
Devora a planície;

Sobrevoa o abismo;
Para depois se esconder do mundo
Em caverna incógnita,
Através de caminho profundo;

E regressa, indomável
De ponta a ponta
Como um furacão
O seu grito desponta,

Como um furacão
Alastra o seu sopro terrífico:
Eis que passa, ó povo,
Satã, o magnífico,

Passa benemérito
De local em local
Na sua imparável
Carruagem de fogo infernal

Saúdo-te, Satã
Rebelião,
Força vingadora
Da razão!

A ti dedico os sagrados
Votos, incenso e dotes!
Conquistas-te o Jeová
Dos sacerdotes.

Giosuè Carducci

ÊXTASE NO CÁUCASO

A integração da águia algoz
É nosso símbolo titânico
Que canta em uma só voz
Profundo coro oceânico

Roubamos dos deuses o fogo
Com a força do sacrilégio
Somos agora os juízes do jogo
O fruto do crime doce e régio

Enfrentamos a esfinge
E provamos do incesto
De vermelho o céu se tinge
Com a coragem de nosso gesto

Essa dança nos crepúsculos
No momento da vindima
A sensualidade dos músculos
É o Espírito da rima

Para o alto bem mais alto
Voa a prometeica habilidade
Para o seio da noite em nevoados orgasmos
Para além dos deuses e da humanidade.

Luiz Cláudio

MAÇÃ

Como a doce maçã que rubra, muito rubra,
Lá em cima, no alto do mais alto ramo
Os colhedores esqueceram;
Não, não esqueceram, não puderam atingir.

Sapho

DRAGÕES POP NÃO SABEM O QUE É ISTO

O que é magia draconiana?

Michael Kelly

Tradução: Ana Jones

A magia draconiana é, por definição, a magia alimentada pelo simbolismo e pelas energias dos dragões. Muito embora hoje em dia dragões tendam a ser relegados a romances de fantasias (geralmente trilogias, é claro) ou a filmes fantásticos, suas raízes mitológicas são profundas e sombrias. Eu suspeito que a maioria das pessoas que se sentem fascinadas por dragões adquiriu essa fascinação por meio de fantasia em vez de mito. Isso não é sempre ruim. O dragão Smaug, de J.R.R. Tolkien, foi baseado em raízes reconhecíveis e sólidas, por exemplo, e as serpentes que deslizam através das histórias de Conan, de Robert E. Howard, são verdadeiramente portadoras do elmo do temor reverencial. Porém muitos dos dragões na fantasia popular estão longe do espírito draconiano, tornando-se apenas mais um monstro em uma mistura variada de ficção. A jornada de descoberta da verdadeira essência do dragão é uma experiência desconfortável e terrível para muitas pessoas contemporâneas, mostrando rudemente aspectos de si mesmas que elas prefeririam não reconhecer. Todavia, autoconhecimento e autointegração são as únicas chaves verdadeiras para a sabedoria e poder mágicos.

A lei e a prática draconianas são raramente encontradas em qualquer dos livros publicados sobre magia. Existem algumas notáveis exceções, é claro. As *Typhonian Trilogies*, de Kenneth Grant, são repletas de referências à corrente draconiana e

devem ser procuradas e avidamente devoradas por todos os estudantes deste presente currículo. O crescente *corpus* de livros mágicos setianos de Don Webb – começando com *The Seven Faces of Darkness* – são igualmente indispensáveis, tanto para fins teóricos como para fins práticos.

Uma das razões pela qual existe muito pouco em termos de magia draconiana em livros mágicos modernos é que esta é descarada e irrevogavelmente do Caminho da Mão Esquerda, em seus objetivos e metodologias. As pessoas sentem muito medo disso. O Caminho da Mão Direita ensina que o objetivo da alma é alcançar uma união jubilosa com Deus/Deusa/Universo, ou, nas formas mais puras da filosofia do Caminho da Mão Direita, como o budismo – a cessação da existência em uma não existência serena. O Caminho da Mão Esquerda, em contraste, advoga a existência individual e a autodeificação definitiva como metas. O Universo não é uma coisa em que alguém queira se perder, mas uma magnífica arena para se divertir na qual o Eu possa se expressar e desenvolver sua própria essência única e indissolúvel, em um ciclo cada vez maior de uma nova manifestação (remanifestação).

Entretanto, a primeira coisa que o iniciado aprende é que ele não sabe quase nada de si mesmo. A personalidade é uma miscelânea de condicionamentos parental e social, moldada e remodelada pela mídia, propaganda e educação seletiva. A primeira tarefa do estudante é se despir dessas adições para revelar finalmente seu próprio núcleo central imaculado. Esse processo de autorrevelação é o primeiro passo na abertura do Olho de Leviatã, aprendendo a perceber as coisas – e, particularmente, a si mesmo, como real e verdadeiramente são. Até essa primeira realização é difícil e demorada, exigindo trabalho mais duro do que a maioria das pessoas hoje em dia – e, certamente, a maioria dos ocultistas – está disposta a se comprometer. Adicione a isso o fato de que é sempre uma experiência assustadora e desorientadora que transformará o iniciado de uma maneira irreversível; consequentemente, não se precisa imaginar muito a razão pela qual o Caminho da Mão Esquerda é evitado e temido.

Mas por que dragões? Com certeza, por causa de sua mitologia e imagem duradouras, mas também por causa de sua herança biológica. O homem (ser humano)

é o herdeiro da riqueza e do poder do dragão, como é amplamente demonstrado nos mitos de Sigurd e Fafnir. No ser humano, o cerebelo e o tronco cerebral são de origem reptiliana; assim, o dragão não significa a própria consciência, mas aquele potencial monstruoso e primitivo que dá origem à consciência, cujo poder se encontra profundamente enroscado dentro do mesmo. Mitologicamente, o mundo foi formado a partir do corpo do dragão primordial Tiamat, e os seres humanos brotaram das gotículas do sangue demoníaco vertido durante o conflito dos protodeuses. Muitos mitos sobre dragões escondem grandes segredos iniciatórios.

O Caminho da Mão Esquerda conjura imagens diferentes em mentes diferentes. Esse termo se originou na Índia, onde é especificamente referido a técnicas de magia sexual que aceleram a alma em sua jornada. Nesse contexto inicial, o objetivo era visto como distinto do Caminho da Mão Esquerda: união cósmica, ou esquecimento, dependendo da interpretação. A diferença entre os caminhos reside na metodologia sexual, na quebra deliberada de tabus sociais e morais com a finalidade de libertar a alma de seu aprisionamento à ortodoxia e na ênfase colocada na mulher. O Caminho da Mão Esquerda oferece uma, muito mais rápida, porém muito mais perigosa, rota para o topo da mesma montanha.

O termo evoluiu com o tempo e com alterações culturais, enquanto manteve suas qualidades e metodologias subjacentes. Na era vitoriana, essa frase havia passado para o Ocidente através dos escritos de Madame Blavatsky e por intermédio dos cavalheiros e damas da Ordem Hermética da Aurora Dourada, que cochichavam sobre isso em segredo, com advertências terríveis, equiparando esse Caminho à magia negra. Não é difícil entender como tais práticas sexuais explícitas foram consideradas naqueles tempos de atitude moral muito rígida.

Aleister Crowley – sem dúvida o mais renomado mago do último século – é quase sempre considerado um mago negro pelos ignorantes; certamente, ele se chamava de tal quando seu humor lhe mandava. Mas a filosofia e prática de Crowley são contraditórias nesse respeito. Em seus escritos, ele parece ardentemente pertencer ao Caminho da Mão Direita, porém seu ego e apetite pela vida o marcam como da Mão Esquerda. Ele escarnece e despreza os *Black Brothers*, os quais se fecharam,

mas essas conchas imutáveis que ele descreve não têm relação com a autotransformação do verdadeiro praticante do Caminho da Mão Esquerda. Os escritos de Crowley, enquanto essenciais, são uma massa de contradições nesse assunto. Ele parecia estar dividido entre seu treinamento anterior e sua própria experiência pessoal. Contudo, deve ser dito que o núcleo central de seus ensinamentos, *The Book of Law*, é totalmente da Mão Esquerda, em tom e implicação. A obra do *Ipissimus* Crowley continua inestimável, e o livro recente de Don Webb, *Aleister Crowley: The Fire and the Force*, finalmente nos fornece uma análise coerente do sistema e da filosofia do Caminho da Mão Esquerda de Crowley.

Em termos puramente práticos, o uso de sexo em seu *Magick* e o papel contraditório que Crowley adotou como a Grande Besta 666 eram metodologias do Caminho absolutamente do Lado Esquerdo, e estes certamente levaram a seus contemporâneos "quadrados" a rotulá-lo de tal e a evitá-lo. Em seguida, romances de escritores como Denis Wheatley introduziram esse termo ao público leitor em geral. Esses fatores conjuntamente – a notoriedade de Crowley e os romances de Wheatley – irrevogavelmente igualaram o Caminho da Mão Esquerda no Ocidente com a prática do satanismo.

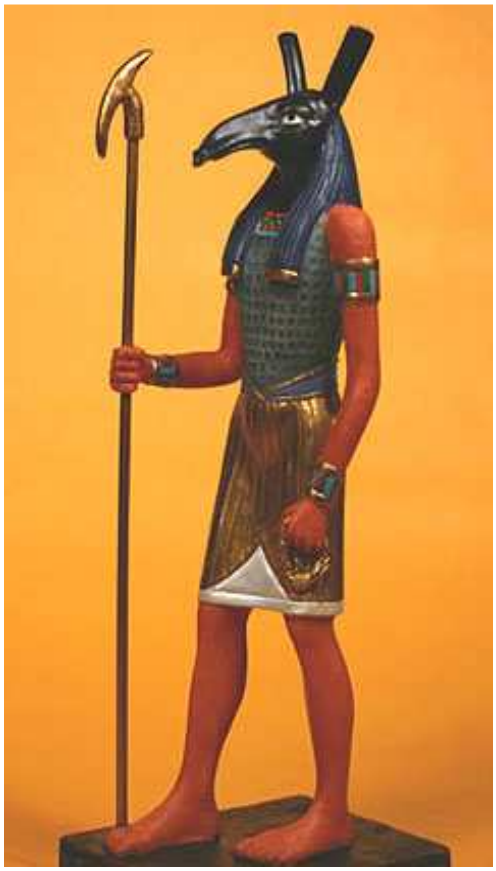
Austin Osman Spare.

Em vez de descartar tal associação, o Caminho da Mão Esquerda prosperou por causa disso. Em 1966, Anton Szandor LaVey, que havia participado de muitas *soirées* assustadoras e cerimônias ocultas em sua residência em San Francisco, fundou formalmente a Igreja de Satã como veículo de sua filosofia. LaVey produziu um sistema simplificado e totalmente pragmático de magia que se concentrou no poder e nas satisfações pessoais como razão de ser; "Indulgência" foi seu lema. Como nato *showman*, ele desempenhou o papel de Sumo Sacerdote de Satã com perfeição. Quando escreveu seu grimório, *The Satanic Bible*, este não foi publicado como um panfleto privado, mas como um livro de bolso tremendamente popular.

Enquanto isso, Kenneth Grant, que havia estudado sob os auspícios do então idoso Aleister Crowley, aproveitou da experiência de uma vida longa de seu mentor, operando a Loja Nova Ísis do OTO Tifoniana. Misturando os ensinamentos de Crowley com os de seu outro amigo e professor, o artista e ocultista londrino Austin Osman Spare, sr. Grant abriu um território vasto. Começando a escrever suas

descobertas nos volumes de sua série *Typhonian Trilogies,* iniciando com *The Magical Revival*. Sr. Grant deliberadamente nunca apresentou seus livros como manuais práticos, mas para aqueles que já praticavam as metodologias de Crowley. Um sistema completo de trabalho com a cabala da Mão Esquerda pode ser extraído desses volumes, que apresentam muito do fundamento básico da magia sexual e draconiana.

Enquanto isso, a dissidência dentro da Igreja de Satã levou o *Magister* Michael Aquino, juntamente com vários altos membros, a renunciar a essa organização. Dr. Aquino invocou o Príncipe das Trevas para orientação e foi saudado por Set, o deus egípcio antigo, que é a mais antiga forma do Senhor das Trevas conceituado pelos (ou revelado aos) homens. Set inspirou dr. Aquino a escrever um documento intitulado *The Book of Coming Forth by Night*, o qual definiu uma nova visão filosófica e mágica separando o Caminho da Mão Esquerda do Ocidente da má reputação gerada no satanismo pela influência judaico-cristã. O Templo de Set, fundado em 1975, continua até hoje a ser a escola mundial mais importante de iniciação do Caminho da Mão Esquerda. Um relato completo da história e filosofia do Caminho da Mão Esquerda até esse ponto pode ser encontrada no livro *Lords of the Left-Hand Path*, de Stephen Flowers.

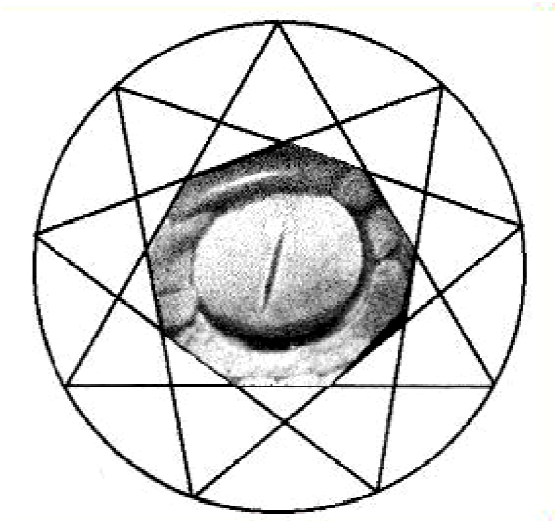


Set

Dentro do Templo de Set, tornou-se prática, para os Mestres do Templo, estabelecer ordens, escolas especializadas, nas quais se pode concentrar em determinados tipos de ensinamentos. James Lewis, um dos primeiros Mestres e um homem com fascinação por coisas serpentinas, fundou a Ordem de Leviatã. Esta foi estabelecida para investigar as implicações da *Declaração de Leviatã*, uma peça inspirada nos escritos de Michael Aquino intitulada *Diabolicon*. A Ordem fixou seus pontos de vista firmemente sobre a evolução futura do Eu Iniciado e abandonou a teatralidade da magia em favor de uma aproximação direta e focalizada na aplicação do poder de Vontade. Quando do tempo de fundação da Ordem, *Magister* Lewis procurou orientação por meio de uma série de trabalhos de Apep, os quais lhe deram a incumbência de ensinar sobre a imortalidade. A imortalização da psique tornou-se um foco da Ordem de Leviatã, em última análise dando origem ao processo mágico e à filosofia da remanifestação, a pedra angular da magia draconiana contemporânea.

Em 1996, *Ipissimus* James Lewis desceu de sua posição de chefe da Ordem de Leviatã e eu assumi então o cargo de Grão-Mestre. Trabalhei duramente a fim de consolidar os avanços que ele havia feito e colocar todas as suas ideias em prática. O ritual da Ordem do Templo de Set, em 1996, em que assumi o Grão-Mestrado, foi quase deliberadamente o mais escandalosamente teatral que nós já havíamos encenado, com "mil elefantes", por assim dizer. Mas foi a última do gênero. Eu formalizei a visão de meu predecessor de magia executada "por força de Vontade somente", e no Conclave de Munique, uns dois anos depois, o trabalho da Ordem teve lugar em um aposento escuro, sem vestes ritualísticas, sem adereços e sem roteiro. Todos os participantes declararam que esse foi um dos trabalhos mais intensos e devastadores em que eles jamais haviam participado.

Entre os meus ensinamentos como Grão-Mestre estavam descobertas fundamentais que formaram a base de muito material para o meu livro. Tendo afinado a prática mágica ao seu mínimo espartano essencial, fui capaz de intuir um novo, mais acurado, modelo de como a magia funciona. Esse novo modelo eu chamei de Magia do Vazio. Usando-o, fui capaz de traçar o processo interno que motiva a magia e se esforça para imortalização da psique. Tal processo eu chamei de Magia do Desejo. Dessa dupla compreensão, fui capaz de preparar meu selo pessoal, o Olho de Leviatã, que contém todos os segredos da magia draconiana em forma simbólica.



Em tempo, também deixei de ser o Grão-Mestre da Ordem de Leviatã, passando as rédeas para outro. Enquanto isso, eu tirei um tempo para refletir sobre meus ensinamentos e permitir que eles gestassem. Finalmente, saí do Templo de Set – que não deve ser interpretado de forma alguma como criticismo contra aquela escola iniciatória seleta. Eu sabia que tinha de forjar coisas novas como veículo para meus próprios ensinamentos, algo completamente harmonioso, embora distinto do Templo de Set, no qual obtive meu grau de *Magister*. Consequentemente, estabeleci a Ordem

de Apep (independente) como uma remanifestação de meu próprio ensino focal dentro da Ordem de Leviatã. Para inaugurar a Ordem, executei uma série nova de trabalhos a fim de estabelecer uma ressonância com aqueles sobre os quais James Lewis tinha formado a Ordem de Leviatã muitos anos antes. As revelações foram surpreendentes, reforjando minhas ideias em um currículo coerente que se articula em torno do simbolismo antigo e poderoso das sete cabeças da serpente primordial. Esse currículo foi introduzido no jornal da Ordem de Apep – Apophis – e agora é totalmente explicado em meu livro. Assim, outros podem também trilhar o rastro da serpente. O registro completo dos trabalhos apepianos que formou o currículo também é reproduzido, em devida ordem, nas páginas do livro.

A Ordem de Apep é uma espécie de “lugar determinado” onde os iniciados apepianos podem compartilhar seus trabalhos e ideias. Esse processo continua, e novos projetos estão a caminho. No final de 2005, comecei o processo de preparação de projetos da Ordem para maior circulação. Faço isso não apenas para compartilhar o que aprendemos e encorajar outros a procurar os segredos mais íntimos de suas almas, mas também como um ato deliberado de magia draconiana, no conhecimento seguro e certo de que as sementes assim lançadas no mundo irão dar frutos estranhos e que um novo rumo na espiral iniciatória de remanifestação irá ser descoberto como consequência. Espero por isso ansiosamente.

S

UMA PEDRADA ILUMINA A SUA CABEÇA

A pedra de Lúcifer

Lux Daemonis

Para que o novo possa nascer, crescer e evoluir, para que algo possa ser gerado e criado, processos destrutivos, porém necessários, devem ocorrer. Foi o que aconteceu com a esmeralda luciferiana. A pedra da testa de Lúcifer não caiu exatamente, mas foi dividida e partilhada para que o conhecimento, o entendimento e a sabedoria se manifestassem na Terra, juntamente com a "fatal" materialização da espécie humana. A parte que ficou na testa de Lúcifer representa o aspecto mais elevado do indivíduo autoconsciente; a parte da pedra na qual foi esculpida a taça luciferiana se refere ao aspecto anímico, psicomental; a última parte serviu para talhar a Tábua de Esmeralda, segundo o mito hermético, e representa o aspecto astrofísico do indivíduo, assim como a manifestação do conhecimento na Terra, no plano material.

A taça, que é a "pedra verde manchada de sangue", a Pedra Filosofal, refere-se ao receptáculo do sangue da serpente (Sofia, Anima) e do dragão (Lúcifer, Daemon), ou Pimandro, também chamado Pymander e Poimandres, o Dragão de Sabedoria e de Luz que se manifesta sobre as trevas essenciais e necessárias do macro/micro universo. O sangue representa a linhagem da iniciação luciferiana, ou seja, a encarnação de indivíduos que foram "gestados" em seus receptáculos (taças) genéticos no plano astral (a taça, o útero universal, o feminino). Essas gerações, por seu caráter lucivenusiano, têm o ímpeto, o impulso e a inquietude interior que as levam a buscar a sabedoria avidamente quando encarnadas na Terra. O sangue da serpente também representa a lava qliphótica, ou seja, o sangue menstrual da mulher que "encarna" Sofia-Vênus no rito sexual, ou *Hieros Gamos* (Casamento Sagrado). Esse sangue representa, ainda, as regiões qliphóticas (sombrias e "daemônicas") do universo e os planos interiores subconscientes do indivíduo. Alquimicamente,

o sangue do dragão é o ácido nítrico que corrói a matéria, quer dizer, destrói a ilusão do mundo material (ativando o olho de Lúcifer, o brilho da esmeralda da testa). O sangue é também a fase *rubedo*, o último estágio do processo alquímico (interior, psicomental, metafísico).

Pimandro-Lúcifer se manifesta de maneira logoica (pela *palavra* e pela lucidez de sua sabedoria) na Tábua de Esmeralda. Essa tábua também representa a Terra sob os auspícios de Vênus (Sophia, Shekinah, Shakti, Sekht), ou seja, a Sabedoria manifestada e disponível para aqueles que a buscam ardentemente. Sob o aspecto iniciático, Lúcifer e Vênus representam o ideal unificado do macho e da fêmea no indivíduo como um ser metafísico autoconsciente, sábio e completo, realizando os Princípios Herméticos da Polaridade (tudo é dual, tudo tem seu oposto, apenas variando em grau de polaridade) e do Gênero (tudo é positivo e negativo; tudo é criado pela união dos opostos, energia, matéria, criaturas).

Tal indivíduo torna-se, então, o "ungido" pelo sangue derramado da taça esmeraldina. "Ungir" significa também "transformar para melhor", e isso quer dizer que aquele que desperta o seu Dragão-Serpente torna-se um ser autoconsciente, de mente e inteligência expandidas e emoções profundas; ele se torna *Nachash-Mashiach*, em outras palavras, o "dragão-serpente ungido" (do hebraico, *nachash* = "serpente" e *mashiach* = "ungido"). Numericamente, as palavras *nachash* e *maschiach* têm o mesmo valor, 358, assim identificando-se mutuamente como pares essenciais e necessários para a autocriação, a evolução e a expansão da consciência. O número 358, curiosamente, também constitui, em parte, a sequência de Fibonacci, presente na natureza, no corpo humano, na arte, na literatura, na música, na geometria, em símbolos como o pentagrama ("cinco linhas", em grego), etc.

Os termos gnósticos ofidianos equivalentes a *Nachash-Mashiach* são *Ophis-Christos* (o que nada tem a ver com o Jesus *pop show* das massas) e *Sophia-Christos*, ou seja, o ungido pelo veneno (sabedoria) da serpente. A palavra *Sophia* (ΣΟΦΙΑ, "sabedoria") é um anagrama da palavra *ophis* (ΟΦΙΣ, "serpente"), e, em ambas, a letra

grega *phi* (Φ) está presente, sendo o seu valor também extraído da sequência de Fibonacci, identificando assim a sabedoria com a serpente. *Phi* é um símbolo da Filosofia e da união do *phallus* com a *kteis* (pênis e vagina). Além disso, a letra *phi* expressa crescimento e evolução onde quer que esteja presente, e, na palavra "filosofia", sua presença indica a união entre Sofia e Pimandro (a mulher/serpente e o homem/dragão, no ritual, no cerimonial "filosófico", no casamento alquímico, na união sagrada), que conduz à iniciação, ao crescimento e à evolução interior que torna possível a conquista da sabedoria (que é conhecimento interno com compreensão), a consecução da autoconsciência plena e a autorrealização metafísica draco-ofidiana.

S

O Ajustador de Realidades. Felipe Galvão.

SUBA NA PEDRA ALTA. MAS NÃO CAIA

Ante altare

Bruno Lang

Quando somente o altar externo brilha, não há espaço para o reflexo na persona.

A importância de um altar físico é indiscutível na jornada de contato com a espiritualidade em todos os seus níveis. Este pode ser observado, nas mais distintas culturas, com todo zelo, segurança e, principalmente, potência para refletir as emanações das características dos pilares da espiritualidade dos operadores que ali buscam a sua conexão junto ao outro lado.

A palavra "altar" tem sua origem do latim (*altare**), e a principal denominação é "mesa de sacrifícios", que, à primeira vista, pode nos remeter à lembrança de antigos ritos sanguinolentos encontrados em culturas como a maia, a grega, a mesopotâmica, entre outras, em que vidas humanas eram ofertadas ante um altar em busca da bondade divina, ou, até mesmo, a outros ritos que permanecem vivos até hoje com a oferta de vidas não humanas, principalmente em linhas que derivam de religiões afrodescendentes em forma de agradecimento ou indulgência junto aos ritos. Mas a palavra "sacrifício", também oriunda do latim, tem como significado a "oferta de algo em ato de culto"; logo, toda e qualquer oferta presente em um altar pode ser designada como um sacrifício em prol das intenções emanadas naquele local, sejam flores, frutas, incensos, velas, pedras, imagens, bebidas para libação, tempo disposto para a comunhão junto ao altar, entre outras inúmeras formas de sacrifício presentes na maioria das culturas. Cada uma dessas culturas, e suas formas de sacrifício (veladas ou não), tem sua importância, seu fundamento e principalmente o reflexo da intenção do indivíduo, ou grupo de indivíduos, em que, perante o altar, realizam seus

*N.E.: Também do latim *ara* e *altar*, significando "pedra alta" ou "local elevado" para sacrifícios. É o equivalente ao antigo *bomos* grego, que tem sua representação no altar de cubo duplo da magia ocidental.

rituais em benefício de um propósito. Mas a grande questão é: quando essa intenção se perde na essência da persona?

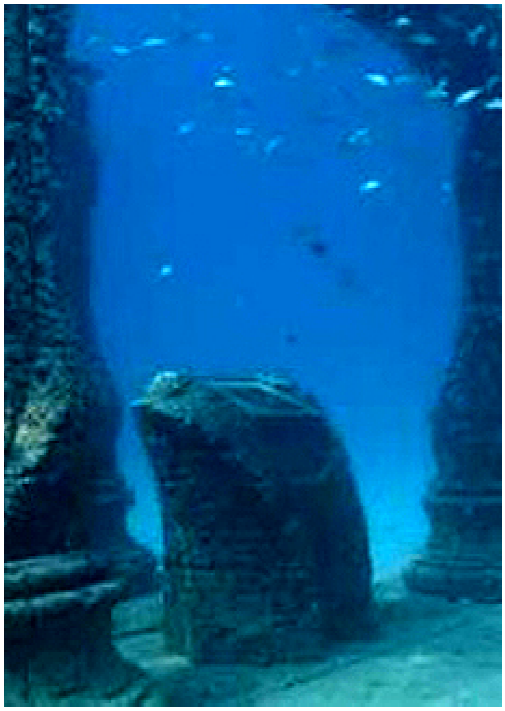
A conexão junto ao altar é algo fabuloso e sério, torna cada uma das operações mais segura, mais direta. E com o decorrer da evolução pelo tempo, todos os seus aspectos se potencializam. E qual o outro lado? Pois bem, o indivíduo, com o altar formado e firmado, com o tempo pode tender a encontrar pela frente o comodismo das ações e das operações apenas diante do altar. Pode ser que a interação junto aos outros planos se torne algo tão natural, dada a preparação do local, que aspectos simples, porém básicos, passam despercebidos, sendo que o principal ponto é estar presente em si e em sua essência para realizar qualquer ação. E na percepção de algum operador desatento, a presença se dará somente fisicamente perante o altar, e não na presença em si mesmo, para executar qualquer operação.

A plenitude da magia com a espiritualidade encontra-se no exercer da vontade do operador diante da natureza, que é própria e instintiva. Se a plenitude íntima é encontrada no individual, por que não ter em si o reflexo desse altar? Qual sacrifício interno, perante a mesa de sacrifícios, é refletido em você, com toda preparação, abertura, execução e encerramento de cada operação ritualística? Perante você mesmo; a consciência presente de todos os seus aspectos que lhe mantêm vivo levam à escada para um melhor complemento das operações mágicas.

A consciência do próprio respirar nada mais é do que uma conexão com a oferta diante da natureza do elemento ar dentro de si mesmo, similar ao incenso utilizado nas defumações ritualísticas. Mesmo quando técnicas de respiração são colocadas dentro do ritual, não é difícil encontrar pessoas que se preocupam mais com a quantidade de inspirações ou expirações que devem ocorrer em determinados tempos em vez de se aterem à essência da troca vital desse elemento para a vida: entra ar bom, sai ar ruim; entra vida, sai morte; entra o início, sai o fim; e tudo isso gerado pelo próprio corpo do operador, sendo um reflexo da metamorfose da vida que age e cria em seus ciclos. A consciência dessas ações durante o ritual é de extrema importância e deve ser encaixado no seu contexto.

A consciência que temos em nosso corpo, uma estrutura óssea que sustenta um complexo bolo de carne, pode ser utilizada como oferta a si mesmo perante a natureza como um reflexo das operações do elemento terra. Com a oferta a si mesmo, para que se mantenha firme ao seu real desejo, assim como os seus ossos são firmes para a sua sustentação, enquanto contempla a si mesmo e toda a sua estrutura, a mágica, junto

aos demais elementos da operação, se faz presente. Sentir os pés no chão e movimentá-los lentamente, sentir cada uma das articulações e o contato onde pisa, onde está sentado ou, até mesmo, direcionando o olhar com a consciência da sua materialidade completa, toda e qualquer firmeza para operação passa a ser complementada.



A consciência do elemento água é a mais presente e completa dentro do altar interno da persona. O corpo do ser humano adulto tem uma composição de 65% de água, que pode ser utilizada como consciência corporal. O sangue que corre nas veias é uma oferta a si mesmo pela vida, é o reflexo de um complexo sistema que funciona todos os dias da vida do ser; é a oferta do sangue da vida dentro da própria vida que está a criar e exercer sua vontade perante uma operação externa. Além do sangue, outros líquidos corpóreos podem ser representados e ofertados a si mesmo, de acordo com a finalidade da operação. A consciência da transpiração pós-trabalho árduo é uma oferta do próprio empenho que brota no interno. A consciência dos líquidos corporais da excitação sexual também é um ótimo potencializador da própria vontade instintiva.

A consciência do elemento fogo manifestado na persona é um dos mais importantes, pois reflete o acender da chama interna da vontade pela vida para realizar qualquer operação. A essência da magia de estar vivo, e permanecer vivo, e de ser dono das suas vontades já acende uma chama inicial da própria consciência e é o impulso para abrir os portais internos de comunicação com o outro lado.

O ser, como altar de si mesmo, deixa de depender exclusivamente de algo externo e torna-se uno consigo mesmo, com a sua vontade e suas consequências diante do tempo e do universo.

Unir essas consciências do altar de si mesmo com as operações garante uma maior segurança e autofirmamento para o contato com o externo.

Cada um de nós tem em mãos o instrumento mais poderoso de conexão para se realizar qualquer operação junto ao altar e aos demais planos, algo que pode e deve ser ativado não só em uma operação frente a um altar, mas sim a cada um dos passos que damos em nossa jornada.

Cada qual é capaz de ser a própria mágica, respirar a própria magia, caminhar com o seu ritual e ofertar a si mesmo o fruto do estar presente e do pertencer a si. Diante do universo, cada um de nós é um neófito do nada caminhando por uma fração do tempo, porém, perante a si mesmo, quando em consciência, cada um se torna o próprio universo tangível manifestado.

S

O LUCIFERIANISMO DAQUILO QUE É "NÃO LUCIFERIANO"

Ensaio sobre os princípios fundamentais da prática do ocultismo – Parte I

Uma paráfrase luciferiana da obra homônima de Manly Palmer Hall

Pharzhuph

Manly Palmer Hall foi trazido à luz no dia 18 de março de 1901, em Peterbourough, no Canadá. Filho do odontologista rosacruz William S. Hall e da médica quiroprática Louise Hall. Em 1904, a família se mudou para os Estados Unidos e lá estabeleceu residência, porém os pais acabaram se divorciando em pouco tempo, a mãe foi para o Alasca e o pai retornou ao Canadá. Manly ficou então sob a tutela da avó materna, Florence Palmer, que praticamente o criou sozinha e não teve mais contato com o pai. Era uma criança de saúde bastante frágil e quase não tinha convívio com outras pessoas de sua idade. Esteve matriculado em poucas escolas regulares e teve pouco acesso aos sistemas de educação formais, entretanto era um indivíduo muito dedicado aos estudos solitários e lia de maneira voraz. Desde muito cedo demonstrou um interesse ímpar pela sabedoria das tradições antigas, filosofia clássica, religiões e ciências. Autodidata diligente e transdisciplinar, formulou um sistema filosófico pessoal e se tornou um célebre e renomado escritor, palestrante e ocultista. Autor de mais de 150 livros e ensaios relacionados ao ocultismo, magia, maçonaria, hermetismo, cabala, filosofia e simbolismo. Faleceu em 29 de agosto de 1990, após uma carreira iniciática de mais de 70 anos.

Manly P. Hall

Infelizmente, a obra de Manly Palmer Hall é ainda um tanto desconhecida em terras brasileiras, dado o desinteresse do mercado editorial de língua lusitana, o que

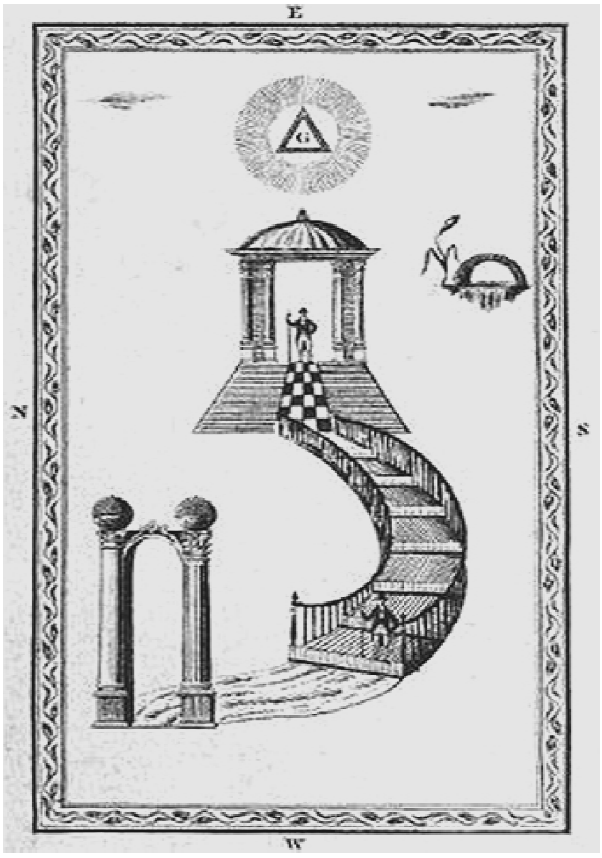
pode ser compensado por títulos publicados em espanhol por editoras sul-americanas, tais como a argentina Kier, por exemplo, ou pela leitura de seus livros em seu idioma pátrio.

O presente ensaio foi construído utilizando por referência as obras *Ensaios sobre os Princípios Fundamentais da Prática do Ocultismo* e *As Faculdades Superiores e seu Cultivo*; almeja transmitir ao leitor iniciante um pouco da natureza das questões que antecedem sua admissão nos mistérios e as estruturas basilares de sua formação fundamental.

DA QUESTÃO QUE ANTECEDERIA O INÍCIO

Uma das questões fundamentais ligadas ao início da jornada do indivíduo pela Via Sinistra é a falta de conteúdos referenciais básicos que possam suportar o tortuoso percurso de sua própria evolução. Vacilante, como a chama de uma vela ao vento, o indivíduo procura por algo que ainda não compreende, embora sinta uma ânsia profunda pela iluminação. Muitas vezes, cego pela luz acinzentada do engano, acaba por enveredar por caminhos insidiosos obscurecidos pelos espectros do parasitismo, da estagnação e da proposital e traiçoeira velhacaria humana.

Outra questão significativamente importante está relacionada aos esforços que o indivíduo deveria despender para desenvolver as potencialidades latentes em seu interior. Supostamente, uma série de indagações naturais surgiria sobre o que se fazer, quando e por quais meios.



F. Curtis. 1801.

As escolas tradicionais dos mistérios alegavam que o cerne de seus propósitos era verdadeiramente oculto e cabia somente ao Iniciado a compreensão e a *re*-velação de tais mistérios. Aos neófitos, cabia a árdua tarefa de empreender a caminhada pela laboriosa via dos mistérios nos quais almejava ser admitido. Os segredos das forças naturais deveriam ser revelados somente aos candidatos que atingissem um certo grau de êxito na consecução probatória de suas motivações ou de sua verdadeira origem essencial. Era mister que o neófito manifestasse e demonstrasse uma evolução prática e teórica acerca de variadas disciplinas e de sua verdadeira vontade.

Baseado na premissa anterior, delineiam-se alguns princípios fundamentais que certamente poderão auxiliar o indivíduo na via iniciática:

- **Educação**

  O candidato deve compreender o valor da educação. Todos os indivíduos são capazes de se desenvolver espiritualmente, porém o desconhecimento da arte e das ciências retarda gravemente o desenvolvimento espiritual. Manly Palmer Hall afirma que "aprender a estudar é um pré-requisito do estudo eficaz", "antes de sermos capazes de pensar adequadamente, é necessário treinar a mente na razão, na coerência e na lógica: pois aí está o fundamento do pensamento".

  Admite-se que as ciências convencionais são como um reflexo da sabedoria secreta; em alguns aspectos, o reflexo pode ser considerado distorcido, mas é fundamental que o indivíduo se esforce para compreender como se dá essa relação. O candidato deveria se esforçar de maneira aplicada nas oportunidades em que pode aprender mais sobre matemática, física, química, astronomia, literatura, filosofia, música e demais manifestações culturais e artísticas; além daquelas meramente comuns.

Heinrich Khunrath. *Amphitheatrum sapientiae aeternae*, 1602.

Antes que o candidato aspire adentrar o Templo é preciso que ele prepare e apresente suas oferendas. A única oferenda possível é a de si mesmo, e ela só poderá ser aceita se for útil para a difusão da sabedoria e no aprofundamento das raízes da tradição.

- **Continuidade**

O candidato deve compreender a importância da continuidade.

"A maldição do mundo moderno está na incapacidade dos indivíduos em terminar aquilo que começam. Assim como a criança inicia muitas coisas que não completa, o homem de mente infantil vacila entre várias atividades. O fracasso em lograr algo é o resultado da dispersão da energia mental tratando de abranger áreas muito grandes".

O treinamento místico cuidadoso e a prática regular de determinadas artes marciais podem conferir ao indivíduo as condições mínimas necessárias para que haja disciplina e continuidade até que seja capaz de alcançar determinado fim.

Estudar várias escolas e correntes mágicas e ocultistas é algo importante, porém o indivíduo precisa se desenvolver de maneira aprofundada em algumas poucas delas. O conhecimento amplo é elogiável, mas é preciso haver certa profundidade para que os princípios fundamentais sejam assimilados e literalmente transcendidos.

- **Responsabilidade e independência**

Salomon Trismosin. *Splendor solis*, 1532-1535.

O candidato deve reconhecer e conquistar elevado grau de responsabilidade e independência. Dificilmente o indivíduo será capaz de se sustentar ou manter sua estrutura familiar se houver dedicação exclusiva à via espiritual. O desenvolvimento da natureza espiritual está ligado à capacidade de lidar adequadamente com as tarefas cotidianas do mundo material e com a manutenção das necessidades vitais. Alguém precisa pagar pela comida, pelos serviços que não sabe ou não consegue executar, é preciso ter um teto sobre as cabeças, etc. Sem a responsabilidade fundamental e a independência relativa conquistadas, os fardos cairão aparentemente sobre outros ombros. Uma batalha verdadeira se luta com espada em punho, e há derramamento de muito sangue e suor.

- **Motivações**

O candidato deve conhecer a importância das motivações. As causas e os motivos significantes serão quase sempre voltados aos interesses do indivíduo, mesmo que pareçam ser altruístas. Manly Palmer Hall diz: "desejamos o poder para sermos reconhecidos como poderosos; aspiramos à sabedoria para que nos saúdem como sábios; buscamos a companhia de pessoas importantes na esperança de brilharmos um pouco com o reflexo de suas glórias; buscamos a virtude para que os demais nos reconheçam como piedosos". Menciona, ainda: "antes que o poder possa ser entregue sem perigo, o indivíduo deve sentir-se absolutamente indiferente ao dito poder".

Uma análise das motivações nos conduz naturalmente à passagem do *Livro da Lei*, de Aleister Crowley: “pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda a via perfeita.” (AL I:44). Lembra-nos ainda dos próprios comentários de Mestre Therion sobre a referida passagem: “*Desembaraçada* significa ‘sem perder o fio por causa de’, ou ‘sem ser embotada por’. O estudante puro não pensa no resultado do exame”; “o ‘Adepto’, aproximando seu pensamento ainda mais do Êxtase, ri, tanto de alegria pura quanto porque acha graça na absurda incongruidade dos argumentos razoáveis dos quais ele é agora livre para sempre; expressa a sua ideia assim: o livre exercício de nossa faculdade é pura alegria; se eu sentisse necessidade de alcançar algum objetivo, isto resultaria na dor do desejar, na tensão do esforço, e no medo de fracassar”.

- **Fenomenalidade e psiquismo**

O candidato deve se afastar de toda classe de fenomenalidade e psiquismo. A consequência ou o efeito de uma ação deveria ser medido com referência ao objetivo que se almeja. A presença do fenômeno e do psiquismo não é um indicador confiável de êxito, embora possa demonstrar algum grau de transmutação energética, deve haver uma avaliação em função do propósito.

Jacobus de Teramo, 1473.

Atualmente, veem-se em profusão variados ensaios fotográficos de operações goéticas nos meios digitais de comunicação. Um furor excessivo de indivíduos que dizem ter capturado imagens de diversos espíritos durante suas operações. “Magos” profissionais vendendo cursos, apostilas e variados trabalhos de ordem goética, incitando pessoas comuns e leigas a praticarem tais ritos, garantindo um espetáculo visual de resultados práticos sobre quaisquer problemas que o desavisado possa ter. Há até ordens goéticas “filantrópicas” sendo fundadas em terras brasileiras sobre quase nenhum fundamento, além da arrecadação de recursos financeiros e engrandecimento do ego de tais “mestres”.

Manly Palmer Hall observa a respeito da fenomenalidade: “o propósito fundamental do ocultismo não consiste em dotar o discípulo com os poderes para ver auras, elementais ou materializações mentais. Tampouco se interessa nos processos de empreender a comunicação entre falecidos e parentes aflitos em função do óbito e do luto”; “o verdadeiro desenvolvimento oculto é muito lento, quase imperceptível; as faculdades despertam de dentro para fora, como pétalas de uma flor que desabrocha. Acelerar tais processos naturais além de certa medida colocaria em risco a integridade e a saúde do candidato”.

- **Atitude mental construtiva**

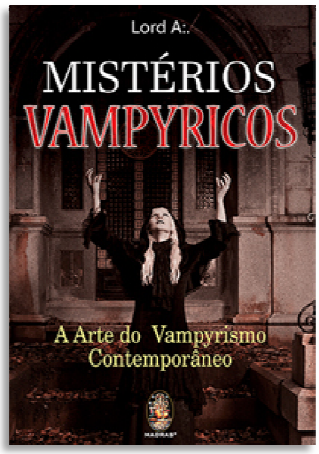
Michael Maier. *Secreta chymiae*, 1678.

O candidato deve manter uma atitude mental construtiva e positiva. É normal que pessoas verdadeiramente inteligentes não estejam em conformidade com o universo que as rodeia ou com as condições existentes. Tais indivíduos procuram assimilar que normalmente há causas e efeitos e que é possível, através da observação e experimentação, causar mudanças em conformidade com a própria vontade. O candidato deveria inicialmente aceitar o que encontra tal como é; para, a partir de seus próprios esforços, buscar as maneiras para transformar aquilo que precisa ser transformado por meio dos métodos adequados aos propósitos.

Manter uma atitude mental sempre construtiva e positiva não implica necessariamente em franca insensatez. O indivíduo deveria manter um equilíbrio entre o realismo e o positivismo, tendendo mais ao que é positivo, sem exageros utópicos. É importante não se deixar levar pelo realismo exacerbado que pode fatalmente conduzir o indivíduo ao pessimismo e à sabotagem de sua própria inclinação iniciática.

COISAS DE DANADOS

Livro novo é aquele que você ainda não leu.
Anônimo [você conhece?]



MISTÉRIOS VAMPYRICOS

Lord A:.
Madras Editora

Trabalho abrangente sobre Cosmovisão Vampyrica, de Lord A:., que desmistifica a questão do vampyrismo e estabelece o termo em seu próprio e devido lugar, sem as distorções e confusões populares e midiáticas. Faz um histórico, retrocedendo séculos, do mito do vampiro e do paganismo vampírico na Europa, Oriente Médio, Ásia, e explica a realidade e a ficção (o Drácula histórico e o ficcional, o vampiro histórico e o ficcional), assim como a origem e o desenvolvimento da palavra "vampiro". O livro apresenta um panorama cultural bastante amplo sobre o tema e esclarece as origens e as manifestações da Subcultura Vampyrica (e do Coven Sahjaza), que envolve estética, arte, comportamento, e é baseada no vampyrismo arquetípico, metafórico e filosófico, sendo uma forma de buscar o autoconhecimento e o autoequilíbrio. Imersa na beleza romântica do arquétipo do vampiro, com teor emocional e intelectual, a obra é única do gênero no Brasil e essencial para eliminar os conceitos equivocados sobre o assunto e acabar com o seu medo do escuro, caro leitor.

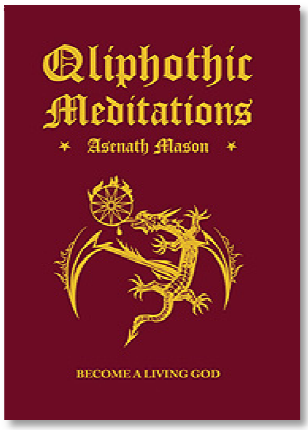
BIOCYBERDRAMA SAGA

Edgar Franco & Mozart Couto
Editora UFG

Álbum em quadrinhos dos artistas Edgar Franco, o Ciberpajé, e Mozart Couto. É uma saga reflexiva pós-humana que descreve a transformação de humanos simples, comuns e correntes em seres superiores física e mentalmente (note que "superior" não significa necessariamente "bom" ou "benévolo") por de meio de uma tecnologia avançada e distópica, assim como suas consequências. Trabalho bastante original e de teor inquietante, dá um vislumbre do que poderia ser o futuro da espécie "humana", abordando questões relativamente incômodas para a sociedade dos dias de hoje, ou seja, para as massas. O material apresenta uma bela arte, com descrições das espécies de criaturas transumanas e seus modos de vida e uma visão da geografia em que se situa a Aurora Pós-Humana e suas manifestações político-sociais. Edição em capa dura, com materiais extras de arte, a obra é totalmente nacional, de grande qualidade gráfica, artística e literária e que supera muitos trabalhos estrangeiros. Portanto, saia do seu mundinho humano com suas ilusões comuns e conheça a Aurora Pós-Humana.

QLIPHOTHIC MEDITATIONS

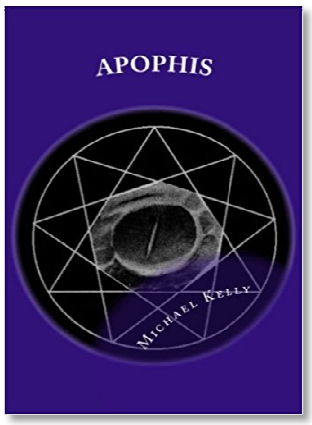
Asenath Mason
Become a Living God



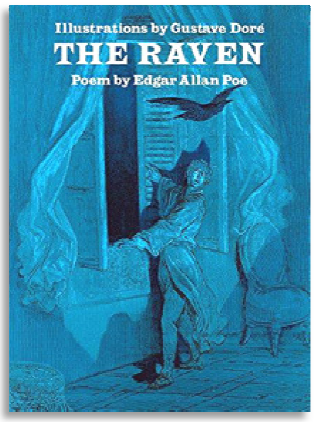
Obra da artista e escritora polonesa Asenath Mason, abordando as esferas qliphóticas, ou seja, o Lado Noturno do universo metafísico e mental. Pretende mostrar como percorrer o árduo caminho da autoiniciação na magia qliphótica, contatando entidades sinistras tradicionais correspondentes às esferas da árvore cabalística sombria para que sejam aliadas do magista. O livro disponibiliza descrições dessas entidades, sigilos, meditações delineadas, técnicas de sonhos lúcidos e métodos práticos de invocação e evocação. Trabalho direcionado para aqueles que buscam a autodeificação, o autopoder e o conhecimento do "lado negro da força". Se você é atraído para esse lado, então vá, mas com cautela, seriedade, estudo e discernimento; não seja leviano. Isso não é cinema nem brincadeira de geek. Edição em inglês.

APOPHIS

Michael Kelly
Createspace/Amazon



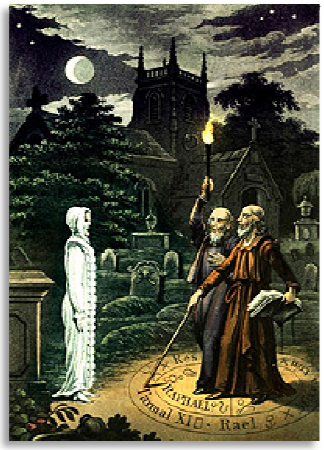
Obra sobre ocultismo sinistro draconiano, ou seja, o Caminho da Mão Esquerda. E tal caminho é uma experiência incômoda, difícil, e um perigo para a sanidade, pois exige muito de si mesmo em um autoconfronto arriscado; afinal, são poucos aqueles que encaram seu lado negro e tiram proveito dele para o autoconhecimento e o autoengrandecimento. O livro busca mostrar como chegar a uma autorrevelação – aqui chamada de "abertura do Olho de Leviatã" –, para então prosseguir no processo de autoconhecimento pela via dracoapepiana. O dragão aqui se refere ao poder primitivo que se oculta no cerebelo, o "cérebro" reptiliano, o qual possibilita o despertar da autoconsciência. A obra mostra as diversas manifestações da Via Esquerda e apresenta os trabalhos apepianos desenvolvidos pelo autor e suas revelações draconianas, baseados em uma trindade arquetípica sinistra. Se você quer se transformar, de modo que não haverá mais retorno, então este livro pode ajudá-lo. Edições em inglês e português.



THE RAVEN

Edgar Allan Poe
Dover Publications

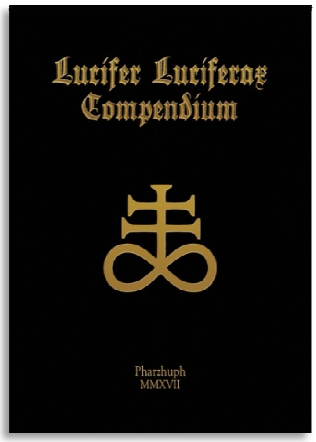
Publicação especial de um único texto de Edgar Allan Poe. Aqui, a obra *O Corvo* vem ilustrada por um dos maiores artistas de seu estilo: Gustave Doré, desenhista, pintor e escultor prolífico (em curto espaço de tempo de vida), especializado em ilustrações literárias. O livro traz a poética obra-prima na íntegra, em inglês, com 26 ilustrações, originais em preto e branco, cada uma em uma página inteira. Se você não sabe inglês, mesmo assim vale a pena contemplar as visões artísticas nas quais o texto é refletido. E *nunca mais* você irá ler Edgar Allan Poe como antes.



THESAURUS MAGICUS I, II & III

Humberto Maggi
Clube de Autores

Obra em três volumes, de Humberto Maggi, que oferece uma coleção de textos tradicionais de magia. No primeiro volume, você tem acesso a alguns dos famosos grimórios, como *Testamento de Salomão*, *Pseudomonarchia Dæmonum*, *Heptameron*, *Livro Jurado de Honorius*, *Grimorium Verum*. O segundo aborda a magia ligada a São Cipriano. E o terceiro apresenta traduções de textos sobre as funções, atividades e significados das entidades conhecidas como daimons. Aborda o conceito de "daimon", antes e depois das religiões cristãs, com um detalhado texto explicando os diversos conceitos e interpretações, desde a Grécia Antiga até o emprego do termo pelas vertentes judaico-cristãs. Entre os textos para o volume três estão *Operação Mágica de Pnouthis (Papiros Mágicos Gregos)*, *Sobre Anjos e Dæmonae (dos "Mistérios Egípcios", de Jâmblico)*, *Sobre a Divinação dos Demônios (Santo Agostinho*), entre outros. Trata-se de uma coleção muito interessante e útil para estudantes e pesquisadores de ciências ocultas. Se você acha que magia e demônio são o que você vê nas mídias e ouve na boca do povo, então não sabe nada. Estude e aprenda.



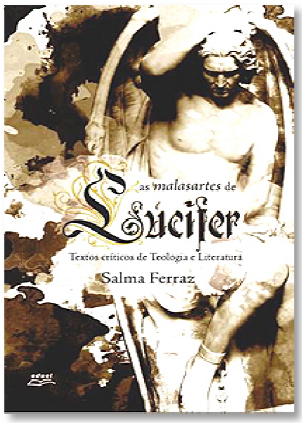
LUCIFER LUCIFERAX COMPENDIUM

Pharzhuph
Clube de Autores

A obra reúne os principais textos autorais revisados, originalmente publicados na revista digital *Lucifer Luciferax*, de Pharzhuph. Disponibiliza aqui um material bastante interessante. Com explicações teóricas e práticas, discorre sobre a goécia (tão mal compreendida nos dias de hoje, principalmente nos meios internetescos). Inclui, também, literatura poético-sinistra, expressando ideias e visões místicas do autor. Fala sobre magia qliphótica, demonologia, elementos do altar, simbologia gráfica (pentagrama e hexagrama), diário mágicko, e expõe algumas reflexões luciferianas que podem elucidar o luciferianismo aplicado ao cotidiano, como prática diária. O livro traz, ainda, um artigo sobre a Corrente Anticósmica, que tem como um de seus fundamentos os mitos mesopotâmicos descritos no poema épico *Enuma Elish*, cujo teor é essencialmente caótico e draconiano. A obra, como um todo, é relativamente diversificada em seus temas, porém dentro da Via Sinistra. Está disponível em língua portuguesa. Portanto, não há desculpas esfarrapadas para não ter acesso a literaturas ocultistas nacionais de qualidade.

AS MALASARTES DE LÚCIFER

Salma Ferraz (Org.)
Eduel



Obra acadêmica com textos críticos de literatura e arte, trazendo reflexões sobre questões luciferianas e suas influências. Apresenta materiais de diversos autores, que abordam a figura de Lúcifer ao longo dos tempos, inserida na sociedade, desde os textos bíblicos até as expressões culturais. Faz análise na *Bíblia*, em Dante Alighieri, em Gil Vicente, em John Milton, em William Blake, em Bram Stoker (e no filme de Francis Ford Coppola), em Charles Baudelaire, em Goethe, em Machado de Assis, em Guimarães Rosa, em Álvares de Azevedo, em José Saramago, passando por vários outros autores. Também observa o rock, analisando artistas como Robert Johnson, Rolling Stones, Alice Cooper, Black Sabbath, Iron Maiden, King Diamond e Mercyful Fate, entre outros. Traz, ainda, longas citações do escritor e artista multimídia A.C. Monteiro, incluindo uma página inteira da introdução desta obra com um texto do livro *A Revolução Luciferiana*. Então esqueça o que você "aprendeu" da sua religião e do senso comum e conheça as faces de Lúcifer.

De um neófito, e como a Arte Negra lhe foi revelada pelo demônio Asomuel.
Aubrey Beardsley.

MALDITOS E DANADOS

AMYR CANTUSIO JR é músico, compositor, pianista, programador de sintetizadores, psicanalista, ocultista e fundador do Projeto Alpha III, de música progressiva, tendo seus trabalhos lançados no Brasil e exterior.

https://brazilianrockinoposition.blogspot.com.br

ASENATH MASON é artista, escritora e ocultista polonesa, tendo publicado vários livros sobre a Via Draconiana e Sinistra.

http://magan.superhost.pl/art.html

BRUNO LANG é hipnólogo, ocultista, dirigente em projetos que envolvem xamanismo e religiões de afrodescendência; é membro da Dragon Rouge.

EDGAR FRANCO, o Ciberpajé, é artista transmídia, criador do projeto multimídia Posthuman Tantra, com trabalhos lançados no Brasil e exterior, e da Aurora Pós-Humana, um universo de ficção científica.

http://ciberpaje.blogspot.com.br

FELIPE GALVÃO é taoista, maçom, artista plástico, tatuador, desenhista e especialista em gravura ilustrativa manual em baixo relevo.

http://realgravuras.com.br

HUMBERTO MAGGI é escritor e pesquisador de ciências ocultas e magia, tendo trabalhos publicados no Brasil e exterior.

https://clubedeautores.com.br/book/188618--Thesaurus_Magicus_III

LORD A:., ou Príncipe Axikerzus Sahjaza, é Pagão e Vampyro desde 1993. Autoridade internacional na produção cultural e espiritualidade Vamp, é o fundador do Círculo Strigoi, do portal Rede Vamp, e atualmente tem seus livros publicados em diversos países. Deles, o mais conhecido é o *Mistérios Vampyricos: A Arte do Vampyrismo Contemporâneo* (Madras Editora, 2014), que vendeu mais de 10.000 cópias. Através do Selo Rede Vamp, está publicando a série *Codex Strigoi*, em 7 volumes, que reúne 11 anos de inspiração, ritualística e práticas desenvolvidas pelo Círculo Strigoi, lançados no Brasil e exterior. É também o introdutor e o desenvolvedor do contexto Vamp no Brasil, América do Sul e Portugal por meio de uma ampla rede de eventos e publicações. Também é o primeiro brasileiro a ocupar um dos mais elevados graus na Dinastia Internacional Sahjaza, que, há 45 anos, é a principal fonte de espiritualidade e paganismo Vamp em todo o mundo.

http://redevamp.com

LUIZ CLÁUDIO é professor de filosofia e incansável buscador da senda mágicka, membro fundador do projeto musical Kaosgonia e autor do livro *Marimagístico*, uma trilogia sinistra.

MICHAEL KELLY é britânico (da Ilha de Man), escritor de ficção de horror e fantasia, de ocultismo e magia draconiana, criador da Ordem de Apep.

http://manxbull.tumblr.com

MALDITOS E DANADOS

MISHLEN LINDEN é artista e escritora americana e magista da Via Esquerda.
http://blackmoonpublishing.com/webstore/typhonian.html

NEMA é artista, escritora, ocultista e autora do livro *Maat Magick*, foi canalizadora da Corrente de Maat, em 1974.
http://horusmaatlodge.com

PHARZHUPH, criador e editor da publicação aperiódica *Lucifer Luciferax*, é um pesquisador, autor, estudante e praticante de diversas disciplinas relacionadas à magia obscura, thelema, luciferianismo, ocultismo, demonologia, Goetia, quimbanda brasileira, filosofia oculta, grimórios medievais e contemporâneos. Foi criador do projeto Luciferiano.org, colaborador da plataforma Morte Súbita Inc. e das Editoras Coph Nia e Capelobo.

Por mais de vinte anos, esteve ligado a diversas ordens de cunho mágico, espiritual e religioso de orientação sinistra, thelêmica, luciferiana e voudon-gnóstica e foi um dos primeiros membros da Sociedade Polímata. Profundamente envolvido e engajado à Via Sinistra, desenvolve atualmente trabalhos relacionados aos antigos cultos mesopotâmicos, magia sestra, quimbanda brasileira, qabalah sinistra, tarô, Goetia e feitiçaria sexual.

Contribuiu recentemente para a publicação norte-americana *The Occult Digest*, encetada pela renomada editora Black Moon Publishing.
https://pharzhuph.wixsite.com/luciferax

A.C. MONTEIRO é escritor, editor e artista multimídia, tendo criado e desenhado as capas de suas próprias obras, tornando-as um todo conceitual. Foi membro de ordens secretas e discretas e de sociedades semissecretas e semiabertas, entre as quais a Ordo Draconis, a Maçonaria e a Sociedade Mensa.

Além de suas obras, publicadas pela Ibrasa, Madras e Literama, o autor: tem trabalhos publicados na Polônia, na coletânea *The Way of the Serpent* (Magan Publications); tem poesia publicada na Inglaterra, no livro *Mandragora* (Scarlet Imprint); tem poesia publicada no Brasil, na *Antologia do 5º Prêmio Literário de Poesia* (Scortecci); teve ficção científica publicada em Portugal; tem matérias publicadas na revista de música *Roadie Crew*; foi colaborador da revista *Universo Maçônico*; foi colaborador da revista *Lucifer Luciferax*; foi colaborador dos sites Morte Súbita Inc. e Teoria da Conspiração; tem tradução de artigo no site oficial de Diamanda Galás; criou a página da Wikipedia em língua portuguesa de Zeena Schreck, com a solicitação da mesma; participou do programa Arquétipos, da Rádio Mundial; participou do programa Vox Vampyrica, da Rádio Antena Zero; participou de série documentarista da TV Brasil; foi palestrante no Simpósio Brasileiro de Hermetismo, em São Paulo; foi artista colaborador na *Zupi*, revista impressa trilíngue de arte e design.

DISPONÍVEIS

PROJETO S.A.T.A.N.

A.C. Monteiro
Literama/Clube de Autores

Um programa científico do governo com supostos objetivos escusos não pode superar um projeto sinistro e sobrenatural de enorme amplitude.

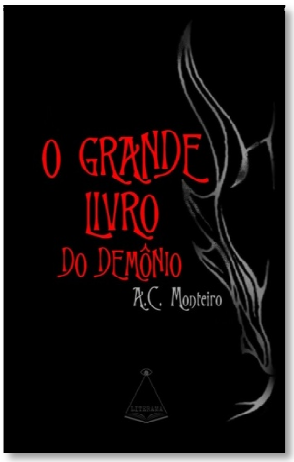
Aqui, o lugar comum da vida cotidiana se torna o lugar do medo. Surgem então o inusitado, o bizarro e as revelações insólitas... Sem heróis, sem vilões, apenas consequências.

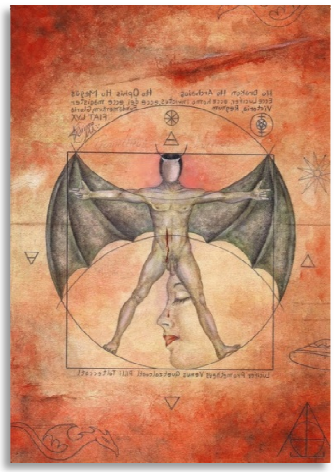
"Em um mundo onde as pessoas pensam fazer tudo 'politicamente correto', a leitura de *Projeto S.A.T.A.N.* pode se tornar uma experiência de catarse psicoliterária."

O GRANDE LIVRO DO DEMÔNIO

A.C. Monteiro
Literama/Clube de Autores

Sarcástico, irônico, insolente, atrevido, irreverente, mas, ao mesmo tempo, sério, honesto, educativo. Os aforismos deste livro parecem politicamente “incorretos” e “diabólicos” para as pessoas “boas” que fazem mal. Para aqueles que aparentam ser “maus”, aos olhos dos “bons”, quase tudo aqui poderá parecer correto e justo, como deveria ser...





A REVOLUÇÃO LUCIFERIANA

Segunda edição, revisada e ampliada

A.C. Monteiro

Literama/Clube de Autores

Esta obra busca dissipar a ignorância com relação ao nome Lúcifer instalada ao longo de séculos por aqueles que querem acreditar na farsa do Diabo dogmático; será mostrado que há diferenças entre Lúcifer, Satã e Diabo e que Lúcifer é anterior às religiões dogmáticas e sua expressão se encontra, sob diversas formas, em muitos povos e culturas do mundo antigo. Aqui, o leitor, livre de preconceitos, pode encontrar estímulo para pensar por si próprio, questionar e refletir sobre seu estado atual e sobre a condição do mundo. Pode, ainda, compreender a abrangência e a profundidade da questão luciferiana e descobrir que o verdadeiro mal no mundo nada tem a ver com Lúcifer. Nesta segunda edição, revisada e ampliada:

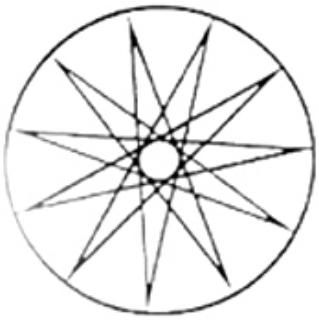
- Lúcifer e a mitologia universal;
- As diferenças entre Lúcifer, Satã e Diabo;
- O verdadeiro mal na Terra e a inocência de Lúcifer;
- Os "criadores" luciferianos;
- A raça luciferiana;
- O Logos e os instrutores draconianos;
- Lúcifer e o arquétipo do anti-herói;
- Luciferianismo, transumanismo e o desenvolvimento humano;
- Amor e ódio, sexo e êxtase luciferianos;
- Lúcifer e o dragão alquímico;
- As conjunções astronômicas entre Vênus-Lúcifer, a Terra e o Sol;
- O selo de Lúcifer-Vênus e seus significados.
- E mais...

Adquira as obras de A.C. MONTEIRO no site abaixo:

https://www.clubedeautores.com.br/authors/213895

ADQUIRA TAMBÉM
AS EDIÇÕES ANTERIORES DE

Sitra Ahra



PARA BAIXAR TODAS AS EDIÇÕES GRATUITAS DE SITRA AHRA:

http://www.geocities.ws/sitraahra

PARA SABER NOVIDADES SOBRE A REVISTA
E SOBRE AS OBRAS DE A.C. MONTEIRO:

https://www.facebook.com/sitraahra.org

Imprima a *Sitra Ahra*
na impressora do seu serviço.

ENCONTRE ~~A OVELHA~~ O BODE ENTRE AS SANTAS:

Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Satan Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa
Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa Santa